

## Semiótica do futuro, futuro da semiótica

**X Congreso**

Latinoamericano de semiótica

São Paulo-Brasil del 2 al 5 de julio, 2024

fels

# Comité editorial

Dr. José María Paz Gago  
PRESIDENTE FELS  
VICEPRESIDENTE PARA EUROPA DE IASS-ESPAÑA

Dra. Neyla Pardo  
DIRECTORA CIENTÍFICA FELS  
VICEPRESIDENTE PARA AMÉRICA DE IASS-COLOMBIA

Dra. Carmen Fernández Galán  
VICESECRETARIA FELS  
UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ZACATECAS-MÉXICO

Dr. José Enrique Finol  
EXPRESIDENTE FELS  
UNIVERSIDAD DEL ZULIA-VENEZUELA

Dr. Rocco Mangieri  
LABORATORIO DE SEMIÓTICA ULA-MÉRIDA-VENEZUELA

Dr. Julio Horta  
UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MÉXICO

Dra. Bianca Suárez-Puerta  
REPRESENTANTE DE LA IASS POR COLOMBIA  
UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA

Mtra. Jimena Bigá  
UNIVERSIDAD DE HELSINKI-FINLANDIA

Mtro. Luis Manuel Pimentel  
DIRECTOR  
UNIVERSIDAD DE LA CORUÑA-ESPAÑA

Dr. Clotilde Pérez  
EDITORA INVITADA  
UNIVERSIDAD DE SAO PAULO-BRASIL

Mtro. Carlos Flores  
UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ZACATECAS-MÉXICO

Mtro. Jonathan Zandoval  
UNIVERSITAT OBERTA DE CATANLUNYA-ESPAÑA

Dr. Luis Correa-Díaz  
UNIVERSITY OF GEORGIA-USA

Dra. Victoria Do Santos  
UNIVERSIDAD DE TURÍN-ITALIA

Dra. Mónica Santillán  
UNIVERSIDAD DE LAS FUERZAS ARMADAS-ECUADOR

Luis Bueno  
IMAGEN DE PORTADA Y OBRAS DE ARTE

Jorge Gamboa  
DISEÑO DE PORTADA

ISSN-E: 2954-4726  
DEPÓSITO LEGAL: LA2018000025

EL SIGNO INVISIBLE, año 8, especial X Congreso FELS, Julio 2024, es una publicación editada por Luis Manuel Pimentel Villalobos. [www.elsignoinvisible.com](http://www.elsignoinvisible.com), [elsignoinvisible@gmail.com](mailto:elsignoinvisible@gmail.com). Reserva de derechos uso exclusivo: 04-2022-102715565400-102. ISSN ELECTRÓNICO: 2954-4726. Otorgado por el Instituto Nacional del Derecho de Autor de México.

EL SIGNO INVISIBLE es una revista digital especializada en temas sobre los procesos de significación ([elsignoinvisible.com](http://elsignoinvisible.com)). Además de la publicación periódica en línea, se difunde una versión anual en PDF alojada en la página web de la Federación Latinoamericana de Semiótica. Esta publicación tiene la intención de mostrar, por medio de artículos divulgativos y de opinión, la información general, el estado del arte y pensamientos analíticos en torno a la semiótica contemporánea con una mirada hacia lo latinoamericano. Buscamos establecer reflexiones semióticas con un saber vinculado al conocimiento de las ciencias, la producción artística y el estudio de la sociedad.

# Índice

## {Editorial}

**X Congreso Latinoamericano de semiótica | 5**

JOSÉ MARÍA PAZ GAGO

## {Presentación}

**Semiótica do futuro, futuro da semiótica | 7**

CLOTILDE PÉREZ Y BRUNO POMPEU

## {Ensayos}

**A semiótica do café: expressão estética integradora da América Latina | 9**

CLOTILDE PÉREZ

**As expressividades da identidade visual do x congresso latino-americano de semiótica | 12**

ANDRÉ PERUZZO Y CLOTILDE PÉREZ

**O sentido das homenagens em um congresso de semiótica | 19**

BRUNO POMPEU

**El significado de los homenajes en un congreso de semiótica | 21**

BRUNO POMPEU

**Um presente musical do Brasil aos seus irmãos de América Latina | 24**

BRUNO POMPEU

Un regalo musical de Brasil a sus hermanos de América Latina | 26

BRUNO POMPEU

Los estudios semióticos en América Latina:  
en búsqueda de la transdisciplinariedad | 28

NEYLA G PARDO A

Presente y futuro de los cibernos en América Latina | 32

LUIS MANUEL PIMENTEL

## {Arte + entrevista}

Luis Bueno: a arte urbana viva, aberta e sensível na América Latina | 40

POR RAFAEL ORLANDINI

## {Comics}

Coleção de cartuns semióticos do Dorinho Bastos | 55

## {Painéis} | 72

## {Conferencistas} | 75

## {Libros}

Selo editorial “Comunicación, Arte y Consumo” | 82

## {Conselho científico e organização} | 86



# X CONGRESO LATINO-AMERICANO DE SEMIÓTICA

Tras el IX Congreso de la Federación Latinoamericana de Semiótica, que con tanta brillantez organizó en Zacatecas (México) la profesora María del Carmen Fernández Galán Montemayor, en febrero de 2019, diversas circunstancias de todos conocidas impidieron dar continuidad a nuestras reuniones científicas plenas. La Pandemia de COVID-19 y otras causas de índole política y social impidieron la realización del anunciado Congreso en Lima.

Pero retomamos ahora con fuerza renovada y entusiasta la actividad asociativa y académica de nuestra Federación, gracias al esfuerzo de la profesora Clotilde Pérez y su inigualable equipo, que personalizo en los profesores de Bruno Pompeu y Eneus Trinidad, Renata Mancini e Valdeci Soares por no poder nombrar a todos y todas.

El X Congreso de la FELS, que han organizado los colegas de la Facultad de Comunicación y Artes de la Universidad da São Paulo, en colaboración con otras universidades e instituciones del país, liderados por nuestra vicepresidenta, Clotilde Pérez, comienza con las mejores expectativas por la extraordinaria cantidad y calidad de ponentes y participantes, así como por un programa científico inmejorable y unas actividades lúdico-sociales que convertirán este evento en una ocasión especialmente enriquecedora, atractiva e imaginativa para el intercambio de saberes y sabores, conocimiento semiótico y experiencia humana.

El tema general elegido por la comisión organizadora, *Semiótica del futuro, futuro de la semiótica*, sin duda inspirará las intervenciones, debates o propuestas que se pondrán sobre la mesa.

Agradezco el esfuerzo de todas y todos para hacer de este X Congreso el gran evento de nuestra disciplina a nivel latinoamericano, un evento interdisciplinar abierto a todo el Continente y al mundo, con el propósito de que la reflexión semiótica desplegada en nuestra región sea cada vez más visible y tenga cada vez una mayor difusión.

## Editorial



José María Paz Gago  
PRESIDENTE FELS



# Semiótica do futuro, futuro da semiótica

**C**omo será o amanhã? Já passados o ímpeto futurista do século XX e a ânsia adivinhatória da virada para o século XXI, deparamo-nos agora, a um só tempo, com imprevisibilidades, incertezas, indeterminações e poucas garantias -- talvez somente a de que, se pode haver um futuro, ele deverá ser repensado e reconstruído por todos a partir do hoje. É assim que, como ciência do campo das humanidades, a semiótica se abre para questionamentos transtemporais e se volta ao porvir, investigando seus sentidos, antecipando seus sabores para pré-compreender seus dilemas -- é a **semiótica do futuro**. É assim também que, como ciência da linguagem, diante de um panorama em mutação, de emergentes possibilidades comunicacionais, tecnológicas, relacionais, institucionais, políticas, humanas, ecossistemáticas, a semiótica deve refletir sobre si mesma, reconhecendo suas possibilidades e seus limites, identificando suas potências e suas fragilidades, defendendo e valorizando seu lugar no devir -- é o **futuro da semiótica**. Uma meta semiótica.

A X edição do Congresso da Federação Latino-americana de Semiótica - FELS, a se realizar entre os dias 2 e 5 de julho de 2024, na Escola de Comunicações e Artes da USP, em São Paulo - Brasil, em parceria com mais de 20 universidades e entidades brasileiras e internacionais de pesquisa, fomento e formação em semiótica, é um convite aos nossos colegas pesquisadores, de sangue, língua e alma latino-americanos, em constante vivência transcontinental e transatlântica, a pensar o futuro do planeta e da humanidade de forma integrada, a partir

da perspectiva privilegiada da semiótica; e a não negligenciar aos autoquestionamentos e autorreflexões tão necessários e tão urgentes a todos os campos do conhecimento nos tempos atuais - e tão promissores quando se trata de semiótica.

Esperamos contar a participação de todos os semioticistas latino-americanos convidados, os que submeteram seus trabalhos que expressam mais de 120 unidades, e os ouvintes inscritos pois assim será possível enriquecer nosso congresso com a pluralidade de perspectivas e contribuições que caracterizam as pesquisas em semiótica. **Juntos, construiremos a semiótica do amanhã, incorporando o passado, compreendendo o presente e imaginando o futuro.**

CLOTILDE PÉREZ Y BRUNO POMPEU

## X Congresso da Federación Latinoamericana de Semiótica

FELS-Universidade  
de São Paulo,  
Brasil, julho 2024

# A SEMIÓTICA DO CAFÉ: EXPRESSÃO ESTÉTICA INTEGRADORA DA AMÉRICA LATINA

CLOTILDE PÉREZ



Figuras 1 e 2: café no pé e café após a torra. Fazendas do Café Orfeu  
Fotos: Clotilde Perez

**P**roduto multissensorial por excelência, o café é parte de quem somos. Se a identidade brasileira é ligada à terra – sabemos disso desde a carta de Pero Vaz de Caminha, de 1º de maio de 1.500 (...*dar-se-á nela tudo...*), primeira peça publicitária nacional –, o café está no nosso DNA. Do mesmo modo, podemos dizer que o café é expressão da identidade cultural latino-americana há séculos. Presente em todos os países, sendo que vários deles ocupam a liderança mundial da produção e exportação, o café, como é

o caso do Brasil, da Colômbia, do México, de Honduras e da Guatemala, que unidos representam 61% da produção mundial, a parte de sua origem africana, especificamente etíope, o café chega na Europa apenas no século XIV, frutificou em nossas terras. Mesmo nos países em que a produção é pequena, o consumo é importante, assim como os hábitos e os comportamentos vinculados a ele. Na busca de um signo expressivo da América Latina, elegemos o café em suas múltiplas perspectivas, como produto da terra, como mediação social, e na sua o

existência multissensorial, o signo estético do X Congresso FELS, que se realizará nos próximos dias 2 a 5/7/2024, na Universidade de São Paulo.

Das cores vibrantes dos esféricos e apinhados frutos verdes, vermelhos ou amarelos, que se contrastam debruçados sobre os ramos em tonalidades de verdes

às delicadas flores brancas, aos múltiplos marrons das terras e das torradas, aos sabores intensos ou suaves que podem ser doces ou amargos, aos aromas que incitam a memória e envolvem, da estimulação energética e cognitiva ao bem-estar e ao prazer pela liberação de dopamina, o café é pura imersão sensível.



Figuras 3 e 4: café orgânico ensacado e os diferentes tipos de torra. Torrefação Orfeu  
Fotos: Clotilde Perez

Símbolo da grandeza de um país e de um continente plural –Américas–, do trabalho produtivo, do patrão e do empregado, da complexidade dos processos, da enxada ao satélite, da qualidade obsessiva e da precisão, dos concursos, prêmios e condecorações, do produtor, do engenheiro agrônomo, do mestre da torrefação, do barista ao Q-grader, das marcas massivas e das sofisticadas, o café é trabalho e ciência.

Em grão ou moído, mobiliza vasta cultura material que passa pelo bule, pelo coador ou pelo filtro, pela xícara, pela ca-

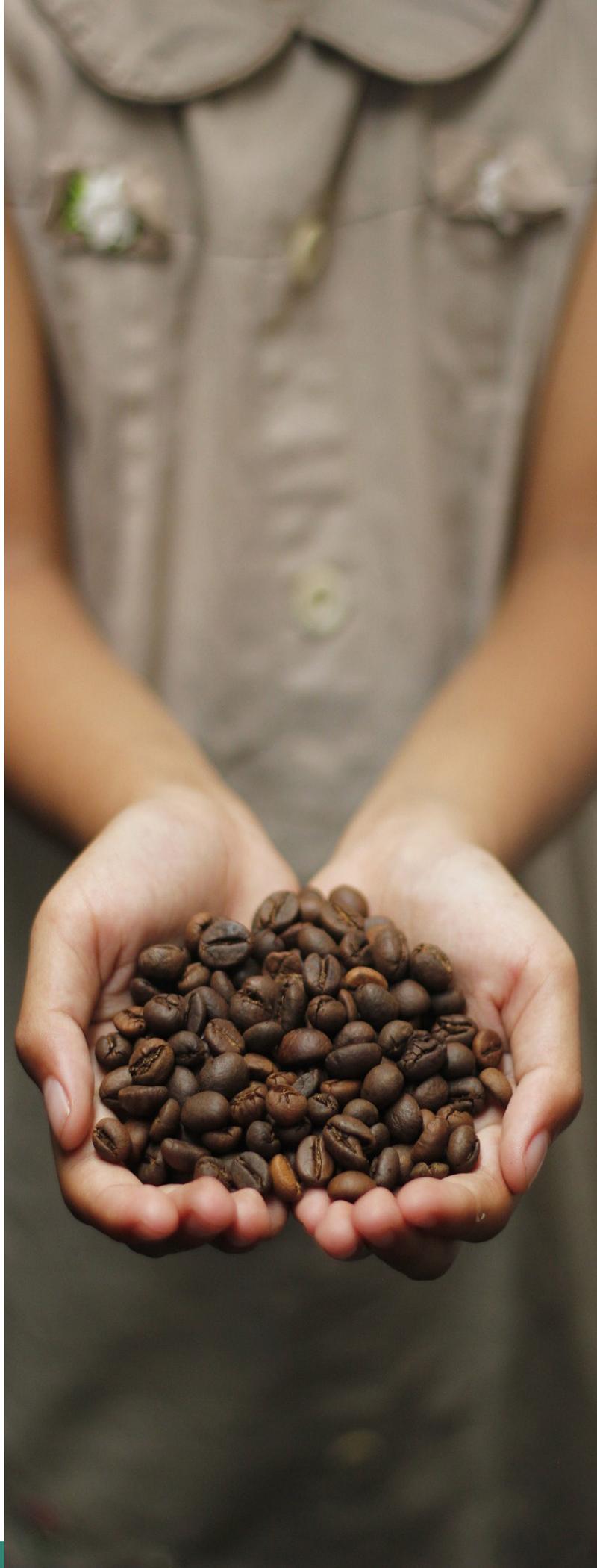
neca ou pelo copo americano, pela cafeteira ou pela garrafa térmica. Curto, carioca, longo, duplo, expresso, coado, com leite, cortado, descafeinado, orgânico e as pelas influências italianas macchiato, cappuccino... Mas também pode ser em cápsulas ou drip. O café é versátil.

Da paradinha que nos resgata em meio ao peso da rotina estressante ou a desculpa para o encontro amigável; do ritual mais sofisticado e alongo ao mais prosaico e rápido, do diminutivo que em nada diminui – o cafezinho é afeto e relação.

Esta vasta potência de significados e tantas outras conexões podem ser manejadas criativa e estrategicamente como sustentação e posicionamento das mais variadas marcas de café, que se posicionam como tradicional, gourmet e especiais – aqueles que zelam pela máxima qualidade desde o plantio a distribuição e na cultura material de consumo. Acaba por emblemizar a riqueza agrícola da América Latina e a inovação tecnológica do campo ao consumo.

Trazendo a etimologia da palavra café que tem sua origem no árabe *qahwa*, que significa vinho, do turco *kahveh*, passou ao inglês por volta de 1598 como *koffie* e a inúmeras outras línguas como café e suas variações, notamos as movimentações semânticas a partir das experiências vividas. Desde os princípios e ainda sustentada por uma lenda etíope onde um pastor de ovelhas notava a alegria e a vivacidade de seu rebanho após comerem os frutos do café, as associações estimulantes são infinitas. Força, alegria, energia e vitalidade fazem parte dos efeitos práticos e simbólicos da bebida.

E desta riqueza histórica, da diversidade cultural e da potência multissensorial do café que nos valem para expressar o desejo de integração e partilha dos semióticos latino-americanos reunidos aqui na Universidade de São Paulo, na melhor ambiência para o compartilhar de pesquisas, perspectivas teóricas e novas metodologias que façam avançar a semiótica em direção a um futuro melhor para todos.



**AS EXPRESSIVIDADES DA IDENTIDADE VISUAL DO  
X CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
DE SEMIÓTICA**

ANDRÉ PERUZZO Y CLOTILDE PÉREZ



## **A IDENTIDADE VISUAL**

A imagem que tematiza a identidade visual do X Congresso Latino-Americano de Semiótica apresenta a figura estilizada de um relevo cortado por montanhas, por meio de uma série de formas curvas que se sobrepõem na composição de uma topografia variada. O texto é apresentado horizontalmente acima do relevo. Na primeira linha de texto, há a inscrição “X Congresso” com uma fonte sem serifa, racional e moderna. A linha central apresenta o texto “Latino-Americano” em caixa alta e fonte serifada, com um gradiente de cores. A linha inferior contém as palavras “de semiótica”, também em caixa alta e em fonte sem serifa, com destaque em negrito para a última palavra. Acima das montanhas, há um círculo de cor laranja sólida, que representa o sol. Este elemento circular está alinhado à esquerda, sobre a porção mais ampla do relevo.

### **ASPECTOS QUALITATIVOS:**

#### **O DIÁLOGO DAS CORES E FORMAS**

No contexto de análise da identidade visual, a primeiridade se refere às qualidades e à impressão inicial que emerge da contemplação das cores, formas e composição geral, antes de qualquer reconhecimento de sua funcionalidade ou significado. A partir desse olhar imersivo e contemplativo, a identidade visual utiliza cores vibrantes e contrastantes que criam um ponto de foco visual imediato no círculo que sugere o sol, a energia e sua luminosidade. O uso de um círculo laranja dominante no canto superior esquerdo não é apenas um ponto focal vibrante, mas também um elemento de ancoragem visual que estabelece um ponto de partida para a leitura da imagem.

As cores variam do laranja ao verde-azulado, criando um gradiente que produz profundidade e relevo na imagem. A cor laranja comumente evoca sensações de entusiasmo, criatividade e transformação, enquanto a cor verde é associada ao crescimento e renovação. O azul pode representar a serenidade, a institucionalidade e a estabilidade. Juntos, esses tons criam um equilíbrio entre uma energia vibrante e calma que acolhe (Farina et al., 2006).

O contraste visual é marcante, tanto nas cores quanto entre as formas orgânicas e a tipografia geométrica. As formas que desenham o relevo são simplificadas e fluem umas nas outras, com suaves linhas amarelas e contornos arredondados. Essas formas são organizadas em camadas, com tamanhos e cores distintos, mas se integrando harmoniosamente ao conjunto, criando uma composição coesa. As formas têm cores sólidas, sem gradiente ou variação dentro de cada forma individual. As linhas amarelas são usadas para delinear os relevos, dando-lhes definição e clareza, e criando uma sensação de movimento e continuidade. Além disso, a sobreposição das formas dá ao relevo uma impressão de volume e tridimensionalidade.

### **ASPECTOS INDICIAIS:**

#### **SOL E TERRA, TEMPO E ESPAÇO**

Em termos de secundidade, a análise busca apontar a relação direta entre o signo e o objeto que ele indica, fundamentando-se na experiência e na existência no tempo-espaço. A partir desse olhar que distingue e contextualiza, a presença do

círculo laranja pode ser identificada como um índice temporal, sugerindo o nascer e/ou o pôr do sol. Este elemento singular não apenas marca um momento específico do dia, mas também pode indicar o início ou o fim de um ciclo, refletindo a natureza efêmera e cíclica do tempo. Sobrevoando o relevo grandioso, o sol radiante emerge em um laranja intenso, criando uma simbiose entre o céu e a terra, entre o etéreo e o material, entre a euforia e a temperança. Como canta a banda porto-riquenha Calle 13 na música “Latinoamérica”, “soy el Sol que nace y el día que muere con los mejores atardeceres”.

Por sua vez, as formas do relevo estilizado funcionam como índices espaciais, apontando para uma localização geográfica específica. A América Latina é marcada por uma significativa diversidade geográfica, que inclui cordilheiras majestosas, planaltos extensos e vales profundos. As formas onduladas na imagem são signos dessas variações topográficas, ao referenciar tal diversidade de paisagens. Destaca-se a referência direta à Cordilheira dos Andes, que se estende ao longo da costa oeste do continente e representa um elemento fundamental na identidade e na história da região. Como escreveu Neruda, “Antes de la peluca y la casaca / fueron los ríos, ríos arteriales: / fueron las cordilleras, en cuya onda raída/ el cóndor o la nieve parecían inmóviles: [...]”.

Os espaços entre as linhas onduladas referenciam os vales e bacias que se formam entre as elevações rochosas. Esses espaços são vitais para a biodiversidade e para as comunidades que dependem dos recursos hídricos e da terra fértil para a subsistência. Logo, a topografia da América Latina, com

suas variações significativas, não é apenas um componente físico e terreno; ela é também um reflexo da diversidade biológica e cultural que define a região. As montanhas, vales e planaltos são mais do que meros acidentes geográficos; são o lar de ecossistemas únicos que sustentam uma variedade de vida incomparável. A representação dessas variações topográficas na identidade traz à tona, portanto, o contexto de discussões sobre os dilemas socioambientais contemporâneos.

Ressalta-se que a escolha de uma tipografia vernacular na linha de texto central, que remete aos grafismos urbanos e às manifestações culturais populares latino-americanas, faz referência às expressões locais e cotidianas, especialmente das artes de lambe-lambe. Este estilo gráfico, comum em murais e cartazes, não só reflete a estética local, mas também estabelece uma conexão direta com a cultura popular e a identidade regional. Em uma região onde a arte de rua, a música e a literatura popular são formas poderosas de comunicação e resistência, a tipografia central da identidade visual do congresso celebra essas manifestações, reconhecendo seu papel crucial na construção de uma semiótica verdadeiramente engajada, inclusiva e representativa.

## **ASPECTOS SIMBÓLICOS:**

### **A CULTURA EM RELEVO**

A escolha das cores e formas não é apenas esteticamente agradável, mas carrega também um significado simbólico, como é possível aferir desde um olhar generalizante que é próprio da capacidade de abstração e síntese da terceiridade. O uso predomi-

nante do signo cromático laranja da identidade visual não é casual. Simboliza transformação, a inovação e a capacidade de criar caminhos. É um convite à criatividade e à ousadia, elementos indispensáveis para pensar e construir o futuro. O laranja como um símbolo poderoso da energia e do espírito inovador.

O sol, em sua tonalidade laranja, é um símbolo que transcende culturas e épocas, representando a energia, a vitalidade e o calor. Em um contexto latino-americano, o sol remete não apenas ao clima quente, mas também à cultura vibrante e ao espírito acolhedor de seu povo. O laranja do sol irradia luz e calor, simbolizando a esperança, a criatividade e o otimismo que permeiam o espírito latino-americano. Aponta para um novo amanhecer – uma metáfora poderosa para as novas possibilidades de interpretação e compreensão que a semiótica pode oferecer. Este amanhecer simboliza a renovação e a vontade de explorar novos caminhos e paradigmas.

A paleta cromática, que transita entre os tons quentes do laranja e os frios dos tons de azul-esverdeado, é utilizada de forma a criar um contraste marcante, evocando a dualidade entre o calor e a frieza, entre a emoção e a razão. O laranja contrasta com os tons mais frios que remetem à racionalidade. Desse modo, tem-se a integração entre emoção e razão, elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma semiótica que seja ao mesmo tempo rigorosa em teoria e método, e sensível às nuances da experiência humana.

Na imagem, o mapa estilizado do relevo latino-americano se ergue majestoso,

como um convite à união e à integração regional. Analisando-se a sobreposição e composição das formas que delineiam a paisagem, essas representam não apenas as interfaces entre as diversas paisagens da América Latina, mas também simbolizam as conexões entre os pesquisadores e as diversas correntes da semiótica. Essa interação visual reflete a integração de conhecimentos e a colaboração transdisciplinar que são fundamentais para a semiótica.

No encontro entre as variações topográficas e a tipografia vernacular, a grandiosidade da natureza se entrelaça com a vibração da cultura. As montanhas estilizadas representam tanto a majestade das Cordilheiras dos Andes quanto a resiliência das comunidades que vivem em suas encostas. Na composição, a silhueta imponente das montanhas majestosas se ergue como um símbolo da força e resistência da América Latina. Seus picos, que se perfuram no céu, simbolizam a aspiração humana ao saber e a eterna jornada em busca de compreender os mistérios das linguagens e da significação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise das expressividades da identidade visual do X Congresso FELS em seus aspectos qualitativos, indicativos e simbólicos, entende-se que essa é um reflexo cuidadoso, sensível e considerado do evento científico que representa, combinando estética, efetividade e significado de maneira eficaz. Encapsula a essência da semiótica latino-americana em sua constante evolução, que dia-

loga com o passado, o presente e o futuro, em uma expansão contínua, adaptativa e crescente do conhecimento. O congresso, assim, apresenta-se como um espaço de encontro e reflexão, onde pesquisadores e estudiosos podem explorar novas fronteiras da semiótica, mantendo-se atentos às transformações culturais, tecnológicas e sociais que moldam o mundo contemporâneo. Em última análise, a identidade visual é um testemunho do compromisso da semiótica com a inovação, a diversidade e a integração, promovendo um diálogo contínuo e frutífero entre as distintas culturas, saberes e sabores que compõem a América Latina.



#### REFERÊNCIAS

Farina, M., Perez, C., & Bastos, H. T. (2006). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. Edgard Blücher.

Neruda, P. 1975. *Canto General I*. Editorial Losada.

Peirce, C. S. (2012). *Semiótica*. Perspectiva.

Perez, C. (2004). *Signos da Marca: expressividade e sensorialidade*. Pioneira Thomson Learning.



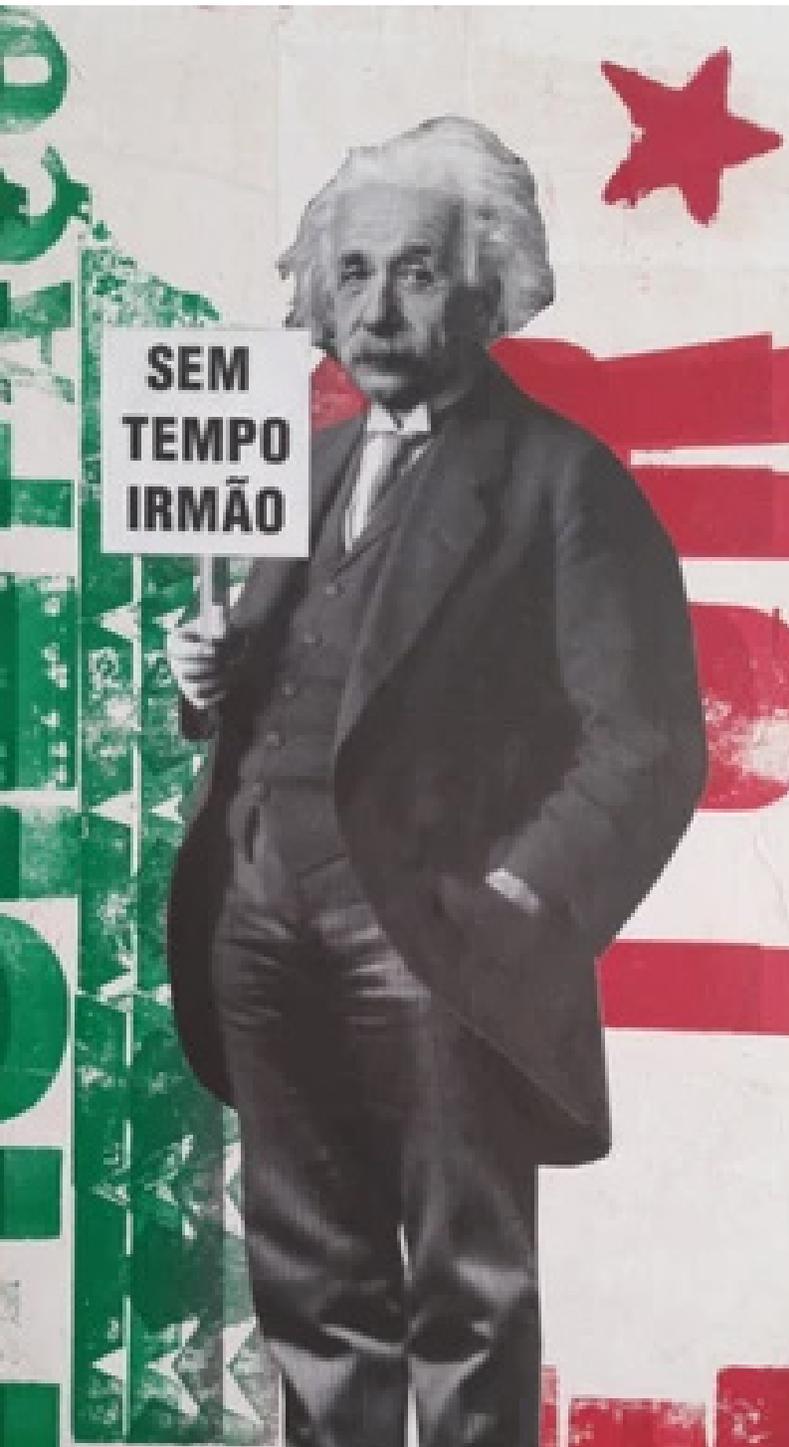
# Universidade de São Paulo sede del X Congreso FELS





# O SENTIDO DAS HOMENAGENS EM UM CONGRESSO DE SEMIÓTICA

BRUNO POMPEU



A palavra “homenagem”, que ganha essa forma no provençal antigo (“*omenatge*”), vem do latim “*hominaticus*”, que quer dizer “humanístico”, tendo sido usada originalmente para designar o ato de retribuição e agradecimento de um vassalo pelo seu senhor, a quem era devida sua total fidelidade. Vem daí esse misto de sentidos tipicamente euro-medievais, da honra e da nobreza, da bravura e da lealdade.

Mas o valor da gratidão e da recompensa é evidentemente muito anterior e muito mais abrangente do que isso. Sociedades primitivas em diferentes partes do mundo já prestavam homenagens aos seus líderes – espirituais e políticos – e também aos seus deuses ou seres místicos, sempre como forma de retribuir um bem por eles feito ou protegido.

Há, como se nota, um profundo senso de assimetria nas homenagens. O vassalo homenageia o suserano que lhe protege a vida, a comunidade homenageia o guerreiro que lhe defende o território, os fiéis homenageiam a divindade que lhe garante salvação. É sempre alguém que está em posição de inferioridade – seja individualmente, seja coletivamente – expressando em ato simbólico sua relação com a figura proeminente.

Toda homenagem é também um ato póstumo, remetendo obrigatoriamente a algo que já tenha sido realizado – um feito, uma façanha, um ato destacado. Há uma temporalidade na homenagem que precisa ser compreendida. Ela se revela como um ato pontual, no presente, que faz remissão a um ato anterior, que deve ser assim eternizado, se projetando em direção ao futuro e à eternidade. A homenagem, nessa perspectiva temporal, fixa, ao mesmo tempo em que move.

A homenagem, como muito do que simbolicamente o homem vem fazendo, é um poderoso instrumento de conservação dos seus valores, sendo ao mesmo tempo o registro da sua constante mudança. A homenagem, portanto, serve também para que a tradição e a renovação se apaziguem. O jovem promissor, quando homenageia seu mestre, quer em alguma medida abrir caminho para que ele próprio possa vir um dia a ser homenageado. O líder homenageado, ao se curvar para receber uma coroa de louros, uma faixa, uma medalha, uma placa ou um troféu, assume sua condição de retirada, em palanquim de glória e fausto. As homenagens, no contexto específico deste congresso, talvez sejam a melhor expressão do que se busca com a temática desta edição: o futuro da semiótica e a semiótica do futuro. Por **“semiótica do futuro” não dizemos apenas de estudos semióticos sobre o futuro, dizemos também da semiótica que vai ser feita no futuro – esta que não pode não reconhecer os feitos de seus homenageados, esta que, no entanto, precisa buscar com esse legado nas costas o rumo do frescor. Sem isso, não haverá o “futuro da semiótica”.**

Se deuses e pessoas comuns, vivos e mortos podem ser igualmente homenageados, é porque há algo na homenagem que também transcende a vida. A figura homenageada, quando já morta, se faz viva e presente; se ainda viva, se imortaliza e se afasta. A homenagem faz com que o sujeito homenageado morto desça um pouco do céu e fique com a gente. A homenagem faz com que o sujeito homenageado viva, sem nos deixar, suba ao plano do inalcançável.

O meio acadêmico, com sua pretensa objetividade e sua reconhecida dinâmica política, também é afeito às homenagens. No contexto específico da semiótica, em

que as significações e os significados das coisas são o que importa, isso tem um sentido adicional. E foi justamente com esse misto de tentativa de objetividade, ímpeto político e consciência simbólica que chegamos, nós da Comissão de Homenagens, à lista de homenageados do X Congresso Latino-americano de Semiótica. Definimos critérios e limites, como quem compõe o corpus de uma pesquisa; procuramos dizer algo com a escolha, como se faz em cada gesto político; pensamos no que significa cada elemento que compõe a realização de uma homenagem. Pois assim chegamos a uma lista de homenageados de que só se pode orgulhar.

Temos nomes de diferentes países da América Latina, com evidente e proposital predomínio de pesquisadores do Brasil, país que desta vez é o anfitrião do evento e, portanto, manda na festa. Faremos homenagens a pesquisadores vivos – afinal, Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito já nos ensinaram que é melhor dar flores em vida –, mas também a mortos – basicamente aos líderes que nos deixaram mais recentemente. Privilegiamos figuras que se notabilizaram por razões diferentes no plano acadêmico: pela formação de novos pesquisadores, pela tradução de determinada obra até então inacessível, pelo esforço na aproximação entre as diferentes vertentes do campo e, claro, pela sua contribuição intelectual aos estudos em semiótica.

A lista de homenageados tem unanimidades – o que, em se tratando de semiótica, é na prática um milagre –, mas guarda em segredo também algumas diferenças mal superadas. Entre peirceanos, greimasianos e semioticistas da cultural, salvamos-nos todos da comissão. E assim salvamos também os que sempre nos salvaram. Aos mestres, as homenagens.

# EL SIGNIFICADO DE LOS HOMENAJES EN UN CONGRESO DE SEMIÓTICA

BRUNO POMPEU



La palabra “homenaje”, que toma esta forma en provenzal antiguo (“*omenatge*”), proviene del latín “*humanatĭcus*”, que significa “humanista”, habiendo sido originalmente utilizada para designar el acto de retribución y gratitud de un vasallo por su señor, a quien se debía su total fidelidad. De ahí esta mezcla de significados típicamente euromedievales, de honor y nobleza, de valentía y lealtad.

Pero el valor de la gratitud y la recompensa es evidentemente mucho más antiguo y mucho más amplio que eso. Sociedades primitivas en distintas partes del mundo ya rendían homenaje a sus líderes –espirituales y políticos– y también a sus dioses o seres místicos, siempre como forma de retribuir un bien hecho o protegido por ellos.

Hay, como puede verse, un profundo sentido de asimetría en los homenajes. El vasallo rinde homenaje al soberano que protege su vida, la comunidad rinde homenaje al guerrero que defiende su territorio, los fieles rinden homenaje a la divinidad que garantiza su salvación. Siempre es alguien que se encuentra en posición de inferioridad –ya sea individual o colectivamente– expresando en un acto simbólico su relación con el personaje destacado.

Todo homenaje es también un acto póstumo, que necesariamente se refiere a algo que ya se ha cumplido: una hazaña, un acto sobresaliente. Hay una temporalidad en el homenaje que es necesario entender. Se revela como un acto puntual, en el presente, que hace referencia a un acto anterior, que debe eternizarse, proyectándose hacia el futuro y la eternidad. El homenaje, en esta perspectiva temporal, fija, al mismo tiempo que se mueve.

El homenaje, como gran parte de lo que el hombre ha hecho simbólicamente, es un poderoso instrumento para conservar sus

valores, siendo al mismo tiempo un registro de su constante cambio. El homenaje, por tanto, sirve también para apaciguar la tradición y la renovación. El joven prometedor, cuando rinde homenaje a su maestro, quiere en cierta medida allanar el camino para que él mismo pueda algún día ser homenajeado. El líder homenajeado, al inclinarse para recibir una corona de laurel, una banda, una medalla, una placa o un trofeo, asume su condición de retirado, sobre un parlanchín de gloria y pompa. Los homenajes, en el contexto específico de este congreso, son quizás la mejor expresión de lo que se busca con el tema de esta edición: el futuro de la semiótica y la semiótica del futuro. Por **“semiótica del futuro” no nos referimos sólo a los estudios semióticos sobre el futuro, sino también a la semiótica que se hará en el futuro: ésta que no puede dejar de reconocer los logros de sus homenajeados, ésta que no puede dejar de reconocer los logros de sus homenajeados, ésta que, sin embargo, necesita buscar con este legado en la espalda la dirección del futuro. Sin esto, no habrá “futuro de la semiótica”.**

Si los dioses y la gente común, viva y muerta, pueden ser igualmente homenajeados, es porque hay algo en el homenaje que también trasciende la vida. La figura homenajeada, cuando ya está muerta, vuelve viva y presente; si todavía está vivo, se inmortaliza y se aleja. El homenaje hace que el homenajeado súbdito fallecido descienda un poco del cielo y se quede con nosotros. El homenaje hace que el sujeto homenajeado vivo, sin abandonarnos, se eleve al plano de lo inalcanzable.

El mundo académico, con su supuesta objetividad y su reconocida dinámica política, también tiene familiaridad con los homenajes. En el contexto específico de la semiótica, donde lo que importa son las

significaciones y los significados de las cosas, esto tiene un sentido adicional. Y fue precisamente con esta mezcla de intento de objetividad, ímpetu político y conciencia simbólica que nosotros, del Comité de Homenajes, llegamos a la lista de homenajeados del X Congreso Latinoamericano de Semiótica. Definimos criterios y límites, como quiénes componen el corpus de una investigación; intentamos decir algo con nuestras opciones, como se hace en todo gesto político; pensamos en qué significa cada elemento que compone un homenaje. Y así llegamos a una lista de homenajeados de la que sólo podemos estar orgullosos.

Contamos con nombres de diferentes países de América Latina, con un evidente y deliberado predominio de investigadores de Brasil, país que esta vez acoge el evento y, por tanto, es el encargado de la fiesta. Rendiremos homenaje a los investigadores vivos –al fin y al cabo, Nelson Cavaquinho y Guilherme de Brito ya nos han enseñado que es mejor regalar flores en vida–, pero también a los muertos –básicamente a los líderes que nos dejaron más recientemente. Privilegiamos a figuras que se destacaron a nivel académico por distintos motivos: por la formación de nuevos investigadores, por la traducción de una determinada obra que antes era inaccesible, por su esfuerzo por acercar diferentes aspectos del campo y, por supuesto, por su contribución intelectual a los estudios de semiótica.

La lista de homenajeados tiene nombres unánimes –lo que, cuando se trata de semiótica, es en la práctica un milagro–, pero también mantiene en secreto algunas diferencias mal superadas. Entre peirceanos, greimasianos y semióticos de la cultura, todos de la comisión nos salvamos. Y así salvamos también a quienes siempre nos han salvado. A los maestros, los homenajes.

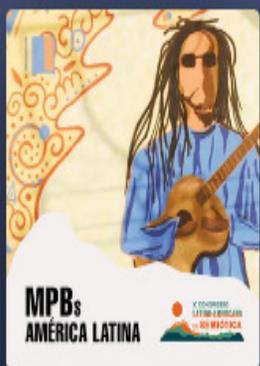


STREET ART  
AS A  
ERA  
LINK  
IT COOLERS  
BUENO

# UM PRESENTE MUSICAL DO BRASIL AOS SEUS IRMÃOS DE AMÉRICA LATINA

BRUNO POMPEU

<https://open.spotify.com/playlist/1fuED6zgTe8Op96quaCbfv?si=c01c5bbf10cf43b6&nd=1&dlsi=d83095f42c7b4a88>



Lista

## FELS 2024 - MPBs América Latina



Bruno Pompeu • 1 me gusta • 51 canciones, 3 h aproximadamente

**N**ada mais difícil para um brasileiro do que se reconhecer latino. A influência portuguesa e a seminal disputa com a coroa espanhola plantaram a discórdia. Mas será que há motivos para que descendentes de espanhóis e de portugueses, devidamente miscigenados, depois de tanto tempo ainda se vejam como tão distintos? Muito por conta do fato da invasão ibérica ter nos imposto duas línguas diferentes, nós nos enxergamos, brasileiros, diferentes de nos-

os irmãos latino-americanos de fala castelhana. A língua portuguesa seria a nossa pátria, como teria dito Fernando Pessoa. Será?

Em que ponto da história ou da vida a América espanhola teria se desentendido com a América portuguesa, sendo que as duas foram massacradas culturalmente, devassadas economicamente e sacramentadas socialmente? Onde talvez possam se encontrar em paz de integração e mútuo reconhecimento os países da Améri-

ca Latina de língua hispânica e o Brasil? Na música, talvez só na música, certamente.

A música brasileira e a música da América hispânica se encontram afetiva e simbolicamente no fundo do verde doce mar, onde o marinheiro de Caymmi e Jorge Amado se enlaça romanticamente com a Alfonsina da voz de Mercedes. No eclipse de um sol atlântico, cálido e buliçoso, com uma lua pacífica, lânguida e brejeira, que se dá em um céu estrelado de azul tropical, moreno, moreno e amolecido. Na alma espirituosa que canta o orgulho das nossas mazelas e a vergonha das nossas virtudes. Nas letras de belas canções em que o amor vai da ternura à malícia em três compassos. Aqui, onde os tambores de todos os tipos, as maracas, as flautas e as ocarinas serviram de visgo e seiva para a música erudita europeia, primeiro imposta e importada, depois assimilada e enraizada. Aqui, onde miscigenação, o misticismo e o sincretismo fizeram como a salsa, o sal e a pimenta, servindo primeiro para conservar, e depois para temperar a música que nos chegou de outras terras. Aqui, em plagas em que a música mais popular que se possa ouvir revela-se em essência camerística e sinfônica, nos pistons das gafieiras e dos mam-bos, nos pianos dos boleros e das boates da bossa nova, nos violões dos choros e das guarânias – e também no bandoneón mais vulgar e na sanfona mais safada, soprando para esquentar os quadris dos que se agarram para dançar a dois. Aqui, onde a poesia se converte em música e quase tudo rima com sorte, amor e coração – principalmente morte, dor e traição. Onde todas as coisas têm sexo – onde a esperança, a televisão, a bomba e todos os pecados capitais são mulheres e o medo, o jornal, o sonho e o desejo são homens –, mas um sexo muito pouco estático, porque a água, o sangue e

o leite, a coragem e a alma, nesse sentido, são transgêneros.

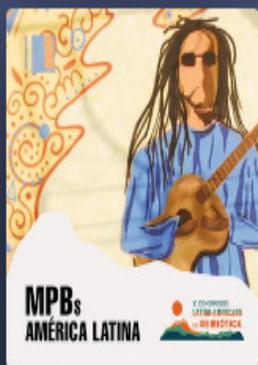
Esta playlist é como um presente para você, nosso irmão latino, irmão meio distante, irmão afastado que regressa, que chega a falar outra língua de tão diferente que parece, mas que, de tão semelhante que é, a gente nem quer reconhecer como igual. Se em mais nada nos irmanássemos – ignorando, por exemplo, que Lulas, Mujicas, Guevaras e Fidéis são a expressão política de uma terra adubada com sangue que não consegue não produzir também Médicis, Pinochets, Bolsonaros e Mileis; ou que uma pesquisa acadêmica e universitária marcada pela mistura, pelo precário e pela indisciplina fosse triunfar entre os empoeirados da semiótica de lá –, só esse arranjo único de ritmo cardíaco, harmonia arguta e canto aberto já nos faria visceralmente unidos. Somos como gêmeos siameses bivitelinos não-idênticos gerados no mesmo ventre austral e paridos pela mesma dor – um estupor histórico-genético que por isso mesmo tem sua beleza, seu valor e sua razão de ser.

Esta playlist é um presente daqui, de onde a gente dança em bom português, mas vai ao baile escorregando no espanhol; sente aquela saudade tipicamente lusitana e acha muito estranho quem diz em castelhano que estranha algo que já teve, mas de que sente falta. Daqui, de onde não se sabe direito a diferença entre mambo, rumba e merengue, mas se toma a ousadia de compor ou verter e cantar tangos e boleros, sendo capaz de comprar briga se souber de algum samba chileno ou de algum baião colombiano. Daqui, de um lugar cuja gente, como a sua, canta, canta muito, faz questão de cantar e canta sobretudo no mau tempo.

# UN REGALO MUSICAL DE BRASIL A SUS HERMANOS DE AMÉRICA LATINA

BRUNO POMPEU

<https://open.spotify.com/playlist/1fuED6zgTe8Op96quaCbfv?si=c01c5bbf10cf43b6&nd=1&dlsi=d83095f42c7b4a88>



Lista

## FELS 2024 - MPBs América Latina



Bruno Pompeu • 1 me gusta • 51 canciones, 3 h aproximadamente

**N**ada es más difícil para un brasileño que reconocerse como latino. La influencia portuguesa y la disputa fundamental con la corona española sembraron la discordia. ¿Pero hay razones por las que los descendientes de españoles y portugueses, debidamente mezclados, después de tanto tiempo todavía se consideran tan distintos? En gran parte debido a que la invasión ibérica nos impuso dos lenguas diferentes, nos vemos como brasileños diferentes a nues-

tros hermanos latinoamericanos de habla castellana. La lengua portuguesa sería nuestra patria, como habría dicho Fernando Pessoa. ¿Será?

¿En qué momento de la historia o de la vida se habría enfrentado la América española con la América portuguesa, cuando ambas estaban culturalmente masacradas, económicamente devastadas y socialmente juradas? ¿Dónde quizás puedan encontrarse los países hispanohablantes de América Latina y Brasil en una paz de inte-

gración y reconocimiento mutuo? En la música, tal vez sólo en la música, por cierto.

La música brasileña y la música de Hispanoamérica se encuentran afectiva y simbólicamente en el fondo del dulce verde mar, donde el marinero de Caymmi y Jorge Amado se atrapa sentimentalmente con la Alfonsina de la voz de Mercedes. En el eclipse de un sol atlántico, cálido y ruidoso, con una luna pacífica, lánguida y ventosa, que se desarrolla en un cielo estrellado de azul tropical, tibio, moreno y ablandado. En el alma animosa que canta del orgullo de nuestros males y de la vergüenza de nuestras virtudes. En letras de hermosas canciones en las que el amor pasa de la ternura a la malicia en tres compases. Aquí, donde tambores de todo tipo, maracas, flautas y ocarinas sirvieron de viscosidad y savia a la música clásica europea, primero impuesta e importada, luego asimilada y arraigada. Aquí, donde el mestizaje, el misticismo y el sincretismo hicieron como el perejil, la sal y la pimienta, sirviendo primero para conservar y luego para condimentar las músicas que nos llegaban de otras tierras. Aquí, en lugares donde la música más popular que se puede escuchar se revela en esencia camerística y sinfónica, en los pistones de las gafeiras y de los mambos, en los pianos de los boleros y de los clubs de bossa nova, en las guitarras de los choros y de las guaranias – y también en el bandoneón más vulgar y en el acordeón más travieso, soplando para calentar las caderas de quienes se abrazan para bailar en pareja. Aquí, donde la poesía se convierte en música y casi todo rima con suerte, amor y corazón, especialmente muerte, dolor y traición. Donde todas las cosas tienen sexo – donde la esperanza, la televisión, la bomba y todos los pecados capitales son mujeres y el miedo, el periódico, los sueños y el deseo son hombres

– pero un sexo muy poco estático, porque el agua, la sangre y la leche, el coraje y el alma, en este sentido, son transgéneros.

Esta playlist es como un regalo para ti, nuestro hermano latino, un hermano algo lejano, un hermano lejano que regresa, que hasta parece hablar otro idioma de tan diferente, pero por ser tan parecido, no queremos ni reconocerlo como igual. Si no estuviéramos unidos en nada más – ignorando, por ejemplo, que Lulas, Mujicas, Guevaras y Fideles son la expresión política de una tierra fertilizada con sangre que no puede dejar de producir Médicis, Pinochets, Bolsonaros y Mileis; o que investigaciones académicas y universitarias marcadas por la mestizaje, la precariedad y la indisciplina triunfarán entre la semiótica polvorienta de allí –, sólo esta disposición única del ritmo cardíaco, la armonía aguda y el canto abierto ya nos uniría visceralmente. Somos como gemelos siameses no idénticos engendrados en el mismo útero sureño y paridos por el mismo dolor: un estupor histórico-genético que tiene incluso por esto su belleza, su valor y su razón de ser.

Esta playlist es un regalo de aquí, donde dançamos en buen portugués, pero vamos al baile resbalando en español; sentimos esa saudade típicamente lusitana y nos resulta muy extraño quien dice en castellano que algo que alguna vez tuvo pero que ahora echa de menos le resulte extraño. Donde no se sabe muy bien la diferencia entre mambo, rumba y merengue, pero todos se animan a componer o traducir y cantar tangos y boleros, pudiendo pelear si sabes de algún samba chileno o de algún baião colombiano. Desde aquí, desde un lugar cuya gente, como la tuya, canta, canta mucho, tiene mucho gusto en cantar y canta sobre todo en el mal tiempo.

# LOS ESTUDIOS SEMIÓTICOS EN AMÉRICA LATINA: EN BÚSQUEDA DE LA TRANSDISCIPLINARIEDAD

NEYLA G PARDO A

En busca de una Semiótica Aplicada  
DESDE LOS ALBORES EN CRUCE DE DIÁLOGOS:



Eliseo Verón, Noé Jitrik,  
Lucrecia Escudero (...)

FELS: 1987. U.ROSARIO.ARG

Paolo Fabbri con Graciela La-  
tella y Roberto Flores



## LA CONSOLIDACIÓN DE LA SEMIÓTICA COMO CAMPO TRANSDISCIPLINARIO

La semiótica ha emergido como un campo del conocimiento dedicado al estudio transdisciplinario del significado, superando en potencialidad y profundidad explicativa a disciplinas tradicionalmente comprometidas con el estudio del lenguaje, como la lingüística, la literatura, la psicología evolutiva, cultural y cognitiva, y la filosofía. Su campo

de acción se despliega desde la biología hasta la física, pasando por las ciencias de la comunicación, los estudios políticos y la economía. En este sentido, se puede afirmar que el conocimiento humano encuentra en la semiótica un punto de quiebre para nuevas explicaciones y perspectivas.

La vocación transdisciplinar propia de la semiótica contemporánea se manifiesta en su papel para la explicación y creación

de saberes sobre la naturaleza, los seres y objetos que la constituyen, y las culturas, dando cuenta de los procesos de construcción de significado. Este enfoque holístico permite a la semiótica abordar la complejidad del fenómeno de la significación desde múltiples ángulos, integrando diversas disciplinas y metodologías.

### PREOCUPACIONES SEMIÓTICAS EN AMÉRICA LATINA



José María Paz Gago- Presidente de la FELS, María del Carmen Galan M y Neyla Pardo

En América Latina, la semiótica ha mostrado un interés particular por reflexionar sobre los problemas sociales y políticos, influenciada por las ciencias sociales y humanas. Los investigadores semióticos se preocupan también por analizar las transformaciones culturales y tecnológicas y sus implicaciones en la vida social. La tradición semiótica en la región está marcada por una reflexión sistemática que se condensa en ensayos comprometidos con explicar las realidades locales.

Los objetos semióticos en América Latina son múltiples y variados, lo que requiere abordar ejes teóricos y metodológicos distintos. Esta diversidad de enfoques permite una comprensión más rica y matizada de los fenómenos culturales y sociales.

### SIGLO XXI



## **OBJETIVOS DE LOS ESTUDIOS SEMIÓTICOS EN AMÉRICA LATINA**

1. Formular un panorama transversal de los estudios semióticos en América Latina.
2. Reconocer la importancia de los desarrollos transdisciplinarios de la semiótica.
3. Resaltar el papel transformador de los estudios semióticos en la región y la búsqueda de nuevo conocimiento.
4. Explorar los avances significativos que rescatan el sentido de lo latinoamericano.

### **FORMULANDO LA TRANSDISCIPLINARIEDAD**

La semiótica articula fenomenología y pluralismo ontológico, asumiendo metodologías múltiples y mixtas. Se constituye en una matriz transdisciplinaria que cohesiona disciplinas y métodos para hacer explícito el complejo y multifacético fenómeno de la significación. Está convocada a explicitar nuestra condición intercultural, articulando métodos y teorías para aportar nuevos conocimientos y perspectivas sobre la significación humana y no humana, y su manifestación en las prácticas culturales.

La semiótica ha venido perfilándose más allá de sus propios dominios, incluyendo la biosemiótica, la semiótica de la cultura, la semiótica social, y la semiótica de la comunicación, entre otras. Supera modalidades individuales como la semiótica audiovisual, discursiva, del derecho, de la economía, de la música, del arte, del gesto, cinematográfica, cognitiva y antropológica, y redefine sus lími-

tes teóricos con enfoques como la semiótica cognitiva, agentiva, y psico semiótica.

### **LA TRANSDISCIPLINARIEDAD EN LA SEMIÓTICA LATINOAMERICANA**

La transdisciplinarietà en la semiótica latinoamericana conecta procesos teórico-metodológicos para interpretar, jerarquizar, problematizar y razonar los temas relevantes que se actualizan sistemáticamente en otras disciplinas. A través del lenguaje y su valor teórico-técnico, es viable asumir la construcción, apropiación y consolidación de nuevo conocimiento que aborde dialógicamente la complejidad y las incertidumbres de las realidades contemporáneas.

### **CAMPOS DE LA SEMIÓTICA LATINOAMERICANA**

- Semiótica social
- Semiótica antropológica
- Eco semiótica
- Semiótica de las artes
- Semiótica de las mediatizaciones
- Semiótica de la comunicación
- Semiótica de la publicidad
- Semiótica y educación
- Semiótica de los rituales
- Semiótica de las narrativas contemporáneas
- Semiótica visual

## APRENDIZAJES, INTERSECCIONES Y REFERENTES



El trabajo de Paolo Fabbri en América Latina ilustra la importancia de la semiótica en la comprensión de las culturas en el contexto de la crisis contemporánea. Su influencia en países como Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Perú destaca su compromiso con la formación de nuevas generaciones y la exploración de fenómenos sociales.

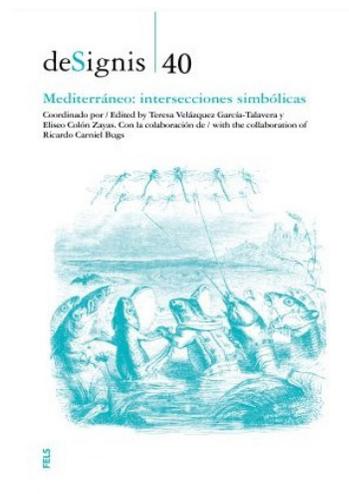
### ASOCIACIONES SEMIÓTICAS EN AMÉRICA LATINA

La región cuenta con diversas asociaciones semióticas:

- Argentina (AAS). Asociación Argentina de Semiótica
- Brasil (ABES) Asociación Brasileña de Estudios Semióticos
- Bolivia (Círculo Boliviano de Semiótica)
- Chile (ACS) Asociación Chilena de Semiótica
- Colombia (ASC) Asociación Semiótica Colombiana
- España (AES) Asociación Española de Semiótica
- México (AMESVE) Asociación Mexicana de Estudios de Semiótica Visual y del Espacio

- Perú (ASP) Asociación Peruana de Semiótica
- Puerto Rico (APS) Asociación puertorriqueña de Semiótica
- Uruguay (AUES) Asociación Uruguaya de Estudios Semióticos
- Venezuela (AVS) Asociación Venezolana de Semiótica

## PRODUCCIÓN CIENTÍFICA LATINOAMERICANA



La revista deSignis, dirigida por Lucrecia Escudero Chauvel, cuya subdirección está a cargo de Teresa Velázquez, es un ejemplo destacado de la producción científica semiótica en América Latina. Con más de 22 años de existencia y 40 números publicados, deSignis recoge investigaciones y desarrollos recientes en semiótica, conectando con otras áreas del conocimiento y reflexionando sobre los temas más relevantes en el continente.

Los estudios semióticos en América Latina se caracterizan por su enfoque transdisciplinario, su capacidad de integrar diversas disciplinas y metodologías, y su compromiso con la comprensión y explicación de los fenómenos culturales y sociales de la región.

# PRESENTE Y FUTURO DE LOS CIBERSIGNOS EN AMÉRICA LATINA

LUIS MANUEL PIMENTEL

**E**s imposible escaparnos de las pantallas, a tal punto que sin ellas es poco lo que hacemos en nuestra cotidianidad. La pantalla se convirtió en un lugar común que conecta personas, culturas, historias, investigaciones...

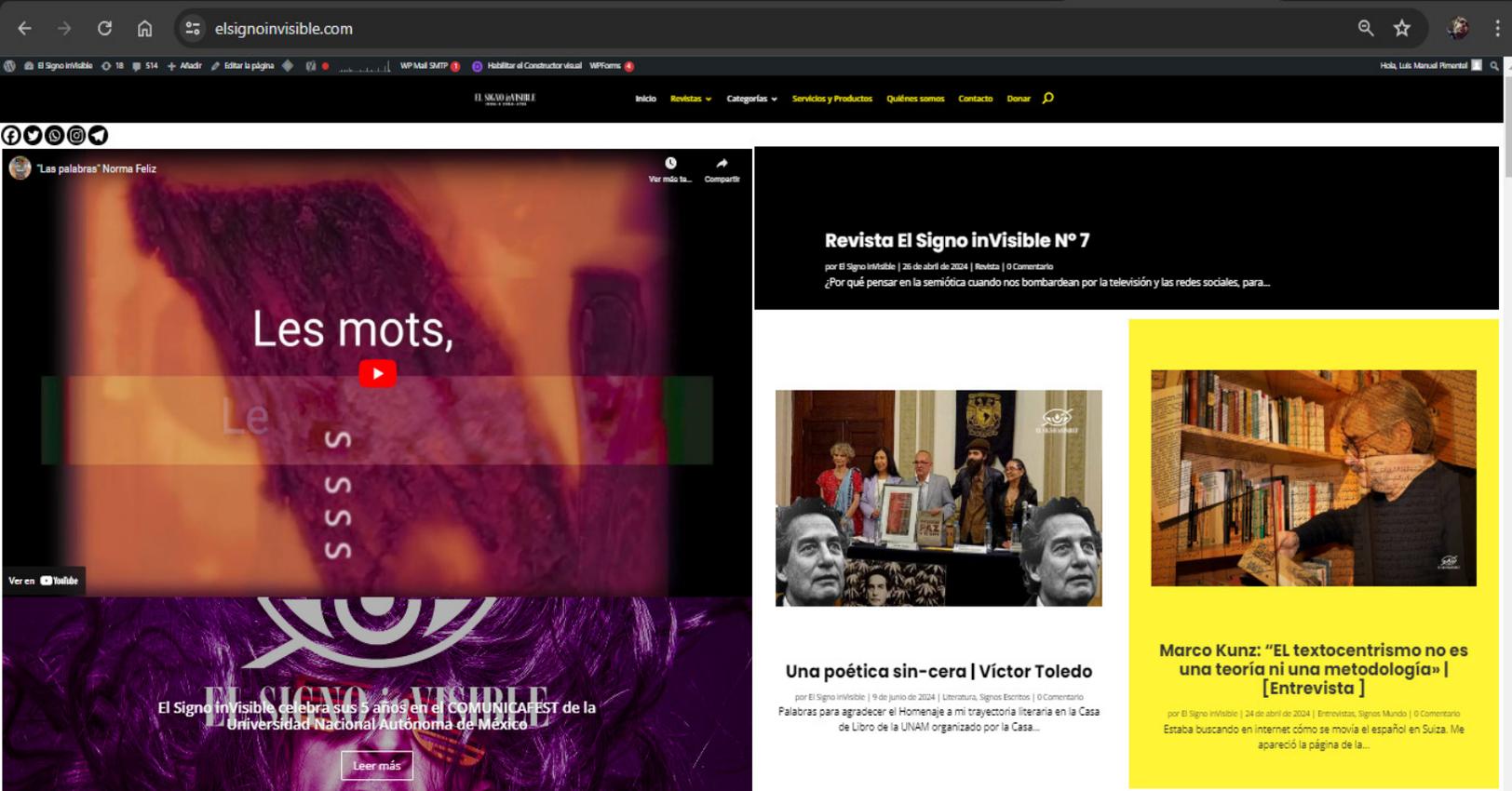
Pensar en el contexto de América Latina desde los cibernos, es observar elementos fundamentales para entender la comunicación y la cultura contemporánea, porque su importancia se manifiesta en las nuevas dimensiones comunicativas, son otras posibilidades estructurales que han surgido de la herramienta digital, cuyos mensajes se perciben y viajan desde un espacio que se visibiliza con un clic.

Entendemos los cibernos como cualquier signo que se utiliza en el entorno digital, incluyendo, sobre todo: textos, imágenes, sonidos, y videos que se transmiten a través de internet. Pensar en la semiótica del futuro en América Latina, es crear una vinculación directa de los cibernos con el rol central de la creciente digitalización y la penetración de la tecnología en todos los aspectos de la vida cotidiana, desde México hasta la Patagonia, y en nuestro caso, el estudiar cómo se dan estos fenómenos particulares, desde diferentes modos y formas expresivas, impactos visuales, hibridación de contenidos, variabilidad discursiva

en expansión, muchas de ellas rayando en la banalidad y otras en la brillantez de la inteligencia prodigiosa. Por eso, en esta era, donde el humanismo digital permea en distintos contextos latinoamericanos son las plataformas digitales, como las redes sociales, los blogs y los sitios web, quienes se han convertido en los principales medios de comunicación y difusión de información, desplazando a los medios tradicionales.

Ahora bien, en qué nos beneficiamos de los cibernos y la semiótica como lugar virtual para repensar a Latinoamérica. Pienso en nuestra revista online *elsignoinvisible.com*: se creó como un espacio que rescata la importancia de la ciencia de la significación a partir del ensayo libre y nos hemos enfocado en darle prioridad a voces nobles y consagradas en el mundo de semiótica latinoamericana. Nos ha interesado construir cultura semiótica en relación a la estética y los distintos tipos de textos que hasta ahora conocemos.

También pienso, en los cibernos y los memes en redes sociales, donde la imagen y el texto se presenta con tal esencia efímera y poderosa que ha generado otra forma de leer desde la instantaneidad y el asombro. En el contexto latinoamericano, los memes se han convertido en una forma poderosa de expresión política y social, pues se



elsignoinvisible.com

han usado para comunicar descontento, organizar acciones, y generar solidaridad entre grupo de personas desprotegidas, sobre todo aquellas que aspiran el ideal de libertad en países represores. También para jugar y pensar en una metasemiótica reflexiva, como en el caso de los memes que presentamos acá. Por que los memes no solo transmiten información, sino que también crean un sentido de comunidad y pertenencia entre los usuarios que comparten y comprenden estos signos.





Otro ejemplo es el uso de hashtags en Twitter (X) o Tiktok es un fenómeno que merece atención semiótica. Los hashtags agrupan conversaciones, videos y permiten a los usuarios seguir y participar en discusiones o entretenimiento sobre temas específicos. En América Latina, los hashtags han sido fundamentales en campañas de concienciación y movimientos sociales, como #NiUnaMenos o en el caso más académico como #Xcongresofels.

El llamado es a analizar cómo se construyen y utilizan estos hashtags, la vinculación en concepto-significado que puede revelar sobre las dinámicas de poder o conocimiento semiótico en el espacio digital, según sea el caso particular.

Otro punto a favor se evidencia en el campo de la educación y el aprendizaje. Las plataformas digitales nos han permitido la

creación y distribución de contenido educativo-semiótico de manera masiva y accesible. Sin embargo, no podemos obviar que, en América Latina, donde las desigualdades en el acceso a la educación son significativas, los ciberseñales juegan un papel crucial en la democratización del conocimiento. Los cursos en línea, las conferencias virtuales, simposios, congresos, y los tutoriales en video son ejemplos de cómo los ciberseñales facilitan nuevas formas de aprendizaje que trascienden las barreras geográficas y económicas.

Además, los ciberseñales han permitido la creación de nuevas identidades y comunidades en el espacio digital, más ahora con el boom de la inteligencia artificial como un espacio virtual generador de contenidos y significaciones. Las redes sociales y los foros en línea han permitido a los indi-

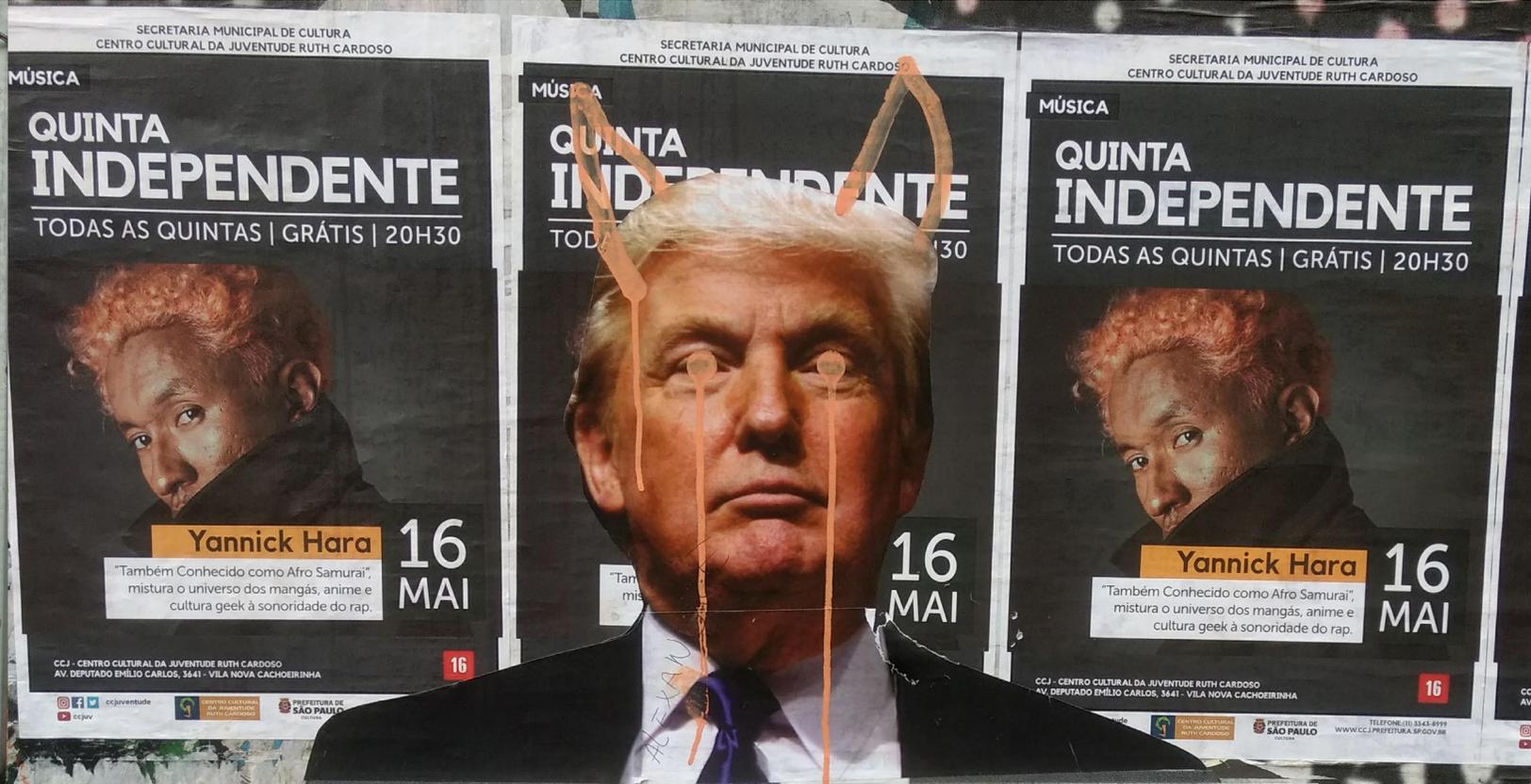
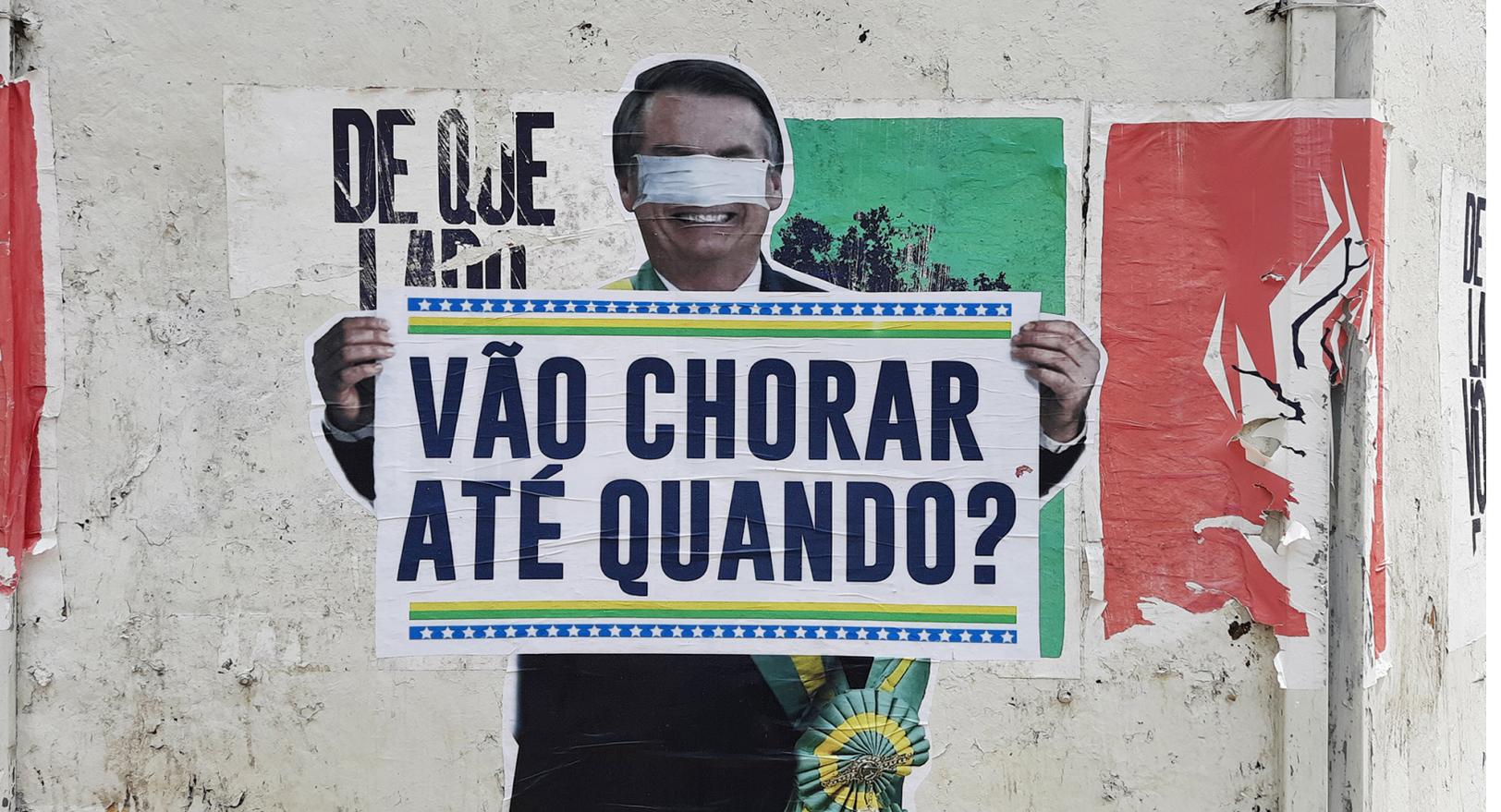


viduos conectarse con otros que comparten intereses similares, independientemente de su ubicación física, y en América Latina, ha dado lugar a la formación de comunidades en línea que abordan una amplia gama de temas, desde activismo político y derechos humanos hasta cultura pop, poesía, salas de arte, laboratorios de investigación, moda, entretenimiento...

La semiótica del futuro en América Latina, no puede ignorar el impacto de los cibersignos. La interpretación de estos signos digitales requiere un enfoque teórico que reconozca la naturaleza multifacética y dinámica de la comunicación en el entorno digital, y es este tipo de contenido que se va creando, poco a poco en los espacios semióticos especializados, incluso en reflexiones abiertas de contenidos poshumanistas para entender el fenómeno.

Para pensar la semiótica del futuro en América Latina, no solo es mirar el presente y lo que hasta ahora hemos logrado, sino repensar el futuro y cómo creemos que desde la semiótica podamos aportar tanto para analizar como para crear mensajes, reconfigurando las prácticas culturales, científicas, sociales, las identidades y las comunidades en red.

La semiótica en América Latina se va adaptando a estos cambios al desarrollar nuevas herramientas teóricas y epistemológicas que permitan interpretar y comprender el complejo y dinámico entorno digital en el que vivimos. La capacidad de analizar y comprender los cibersignos será crucial para abordar los desafíos y las oportunidades que presenta el futuro de la comunicación y la cultura en América Latina.



# fels

Te invitamos a visitar nuestra página:

<http://felsemiotica.org/>

Y conocer nuestras novedades....



10 MAY

fels Federación Latinoamericana de Semiótica

BOLETÍN

El signo invisible N° 7 disponible

La biblioteca Paolo Fabri un espacio de reflexión y transformación

BOLETÍN mensural FELS, NOTICIAS FELS

**Boletín mensural FELS – Mayo 2024**

By FELS

HAZ CLIC PARA VER y/o DESCARGAR Boletín mensural FELS – Mayo 2024 en PDF

CONTINÚE LEYENDO

23 FEB

fels Federación Latinoamericana de Semiótica

BOLETÍN

X Congreso de la Federación Latinoamericana de Semiótica: Semiótica del futuro, futuro de la semiótica

BOLETÍN mensural FELS, NOTICIAS FELS

**Boletín mensural FELS – marzo 2024**

By FELS

HAZ CLIC PARA VER y/o DESCARGAR Boletín mensural FELS – Marzo en PDF

CONTINÚE LEYENDO

18 OCT

fels Federación Latinoamericana de Semiótica

BOLETÍN

Expectativa puesta sobre el X Congreso de la Federación Latinoamericana de Semiótica: Semiótica del futuro, futuro de la semiótica

BOLETÍN mensural FELS

**Boletín mensural FELS – Octubre 2023**

By FELS

HAZ CLIC PARA VER y/o DESCARGAR Boletín mensural FELS – Octubre en PDF

CONTINÚE LEYENDO



# ENTREVISTA COM LUIS BUENO

ARTISTA URBANO PAULISTA E MESTRE EM ARTES VISUAIS PELA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

# LUIS BUENO: A ARTE URBANA VIVA, ABERTA E SENSÍVEL NA AMÉRICA LATINA

POR RAFAEL ORLANDINI\*

*\*Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, pesquisador da Casa Semio e parte da organização do X Congresso Latino-Americano de Semiótica*



Falar de Arte Urbana vai além de falar meramente uma arte feita na rua. A junção da complexidade da arte com a multiplicidade e o movimento da rua gera algo maior, com potência simbólica e transformadora, força para orientar nossas ações e expressividade para despertar nossos sentidos. É nesse contexto em que está inserido Luis Bueno, artista urbano paulista que trabalha com a técnica do lambe-lambe e que nos regala com a identidade visual do X Congresso Latino-Americano de Semiótica, realizado

pela USP – Universidade de São Paulo e pela FELS – Federação Latino-Americana de Semiótica, em parceria com dezenas de programas de pós-graduação.

Luis Gustavo Bueno Geraldo, ou apenas Luis Bueno como se apresenta, já transitou por diversas cidades em sua vida. É artista urbano, vive e atua na cidade e em suas ruas. Nascido em Guararema, no interior de São Paulo, se mudou para Bauru, também no interior, para fazer sua graduação em Design na Unesp – Universidade Estadual Paulista. Depois foi para a capital do estado, trabalhou com design editorial e começou sua empreitada artística. Hoje reside em Santos, no litoral paulista, terra que abriga o time pelo qual jogou Pelé, a personagem protagonista de uma de suas séries mais famosas, o “Pelé Beijoqueiro”.

O trabalho de Bueno é um diálogo permanente com sua trajetória acadêmica, que passou pela graduação, mestrado em Artes Visuais na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), docência e coordenação de curso. Enquanto sua arte surge não apenas de uma vontade, mas de uma necessidade de expressão, ele nos relata que a Semiótica sempre esteve presente em seu cotidiano e seu trabalho como artista urbano bebe dessa fonte ao trabalhar com o deslocamento, o reposicionamento e a sobreposição de signos.

Luis Bueno iniciou seu percurso como artista urbano em São Paulo no ano de 2007, enquanto fazia seu mestrado. Passou por diferentes linguagens e técnicas, como o grafite em spray e o estêncil, mas foi com lambe-lambe, no diálogo com o papel e sua colagem em diferentes tipos de superfícies, que se identificou. Já fez trabalhos em diferentes cidades do mundo, espalhando sua linguagem visual pelas ruas e tocando as pessoas com sua singularidade artística. Em 2024, inaugura a exposição “Love, Love, Love”, no Museu do Pelé em Santos (SP), com dezenas de lambe-lambe e cartazes com imagens de Pelé beijando personalidades e personagens simbólicas.

Nesta entrevista, Luis Bueno nos dá um presente com sua sensibilidade. Falando de seu processo criativo, da importância do ócio combinado com sua atenção ao mundo, as falas nos inspiram. Com um profundo conhecimento sobre Arte Urbana, suas origens e contextos, o artista nos conta as implicações dessa história na forma em que a vemos materializada pelas cidades do Brasil, da América Latina e do mundo. Enquanto o antropólogo brasileiro Roberto da Matta nos ensina que a rua é o espaço onde a vida acontece, Bueno faz coro e traz complexidade à discussão ao dizer que a arte nesse espaço é indissociável da política e do desenvolvimento socioeconômico, da disputa entre o social e o institucional, das ações do poder público e do poder econômico. Não por acaso, a palavra “ocupação” é recorrente na fala do artista. E ocupar a cidade com arte é fazer com que as pessoas olhem, interajam e pensem sobre ela.

**Se a rua é o espaço da vida, a Arte Urbana é uma arte também viva. São formas de manifestação artística disponíveis à alteração, à sobreposição, ao desgaste, às rasuras e à destruição; são formas em constante movimento, em permanente estado de efemeridade e de transformação. É do contexto das cidades que surge essa disponibilidade e pelas materialidades desse tipo de arte que essas ações são favorecidas.**

É nessa mistura entre as dimensões da vida cotidiana, entre a efemeridade e a permanência, entre o estático e o móvel, entre a vida acadêmica e a Arte Urbana, que nos fala Luis Bueno. Em um contexto de tantos “entres”, o nome que o artista carrega em suas mídias digitais não poderia ser mais simbólico: Bueno Caos. Se o caos é uma mistura de coisas ou ideias em desarmonia, nas tradições mitológicas ele é também a indefinição que propiciou o nascimento de todos os seres e realidades do universo. E a arte de Luis Bueno é essa força criadora, é uma arte que se faz na interação. Uma expressão que quebra o silêncio individualista que se instaura no barulho das cidades, que nos faz pensar, nos faz olhar para nosso redor e aguça nossa sensibilidade pelas ruas do cotidiano.



Obra de Luis Bueno em São Paulo. Fonte: imagem cedida pelo artista

**El Signo Invisible:** Em sua trajetória que passa por estar na Academia, fazer o mestrado e praticar a docência, você diz que sua arte surge de uma vontade de expressão sua. Pensando nisso e ampliando essa ideia, para você a Arte é o que?

**LB:** São muitos pontos de vista possíveis quando você fala de arte, por isso é um assunto inesgotável e que se transforma ao longo dos tempos também. No ponto de vista de artista, sempre me perguntam “Por que você faz isso?”. Primeiro é por uma necessidade pessoal. Tudo vem disso, dessa vontade de se expressar. Mas pensando no objeto, até no sentido virtual da coisa, na obra de arte, eu acho que a arte é um vetor de transformação, de reflexão, de pensamento; e quando eu penso na Arte Urbana, tem mais essa camada, esse diálogo com a cidade. É uma forma tanto de criar um novo olhar para aquele espaço, quanto também de permitir que a pessoa que está lá interagindo também crie suas próprias reflexões acerca do tema, do conteúdo que está ali. Então, para mim, a arte é um vetor de provocação, de instigar os transeuntes (no caso da Arte Urbana) a se desligarem um pouco daquele cotidiano automático e se permitirem olhar um espaço com um outro significado; produzir sentidos a partir daquilo que a pessoa está vendo. Eu acho que a arte não é a única coisa, tem Filosofia, tem Ciência, tem todos os tipos de artes possíveis, que cada um deles vai produzir efeitos de formas variadas, mas eu acho que a Arte Urbana é um vetor de produção de sentidos a partir daquele espaço; é uma integração muito interessante entre o espaço urbano, o repertório daquelas pessoas

que estão passando por ali, todo o contexto que envolve tudo isso e a ação das outras pessoas. Porque também, é uma diferença que a Arte Urbana coloca, ela não é uma arte estática, como por exemplo a Mona Lisa, que é uma caso extremo, que está lá através de uma vidraça a prova de balas, então o sujeito pode ir lá e fazer o que quiser, mas ela vai continuar intacta. A arte urbana não, ela está aberta, completamente imponderável, qualquer tipo de interação, inclusive a interação do próprio ambiente.

**El Signo Invisible:** A arte urbana, estando em espaços públicos, carrega possibilidades de rasuras, desgastes, sobreposições etc. Existiram momentos em que essa característica foi marcante nas suas obras: como seu mural na lateral do MASP, em que as cores das camisetas do casal (que tinha a mulher com verde e amarelo em alusão ao bolsonarismo e homem com vermelho em alusão ao petismo) foram invertidas; ou no projeto “Futuro do presente, presente do futuro”, em que você registrou as mudanças em sua série Revolucionários de Cartolina. Qual os papéis dessas transitoriedades e efemeridades na arte urbana? Como você lida com essas possibilidades de tantas alterações?

**LB:** Foi um processo para que eu entendesse isso. Porque lá atrás quando eu comecei e ainda trabalhava com grafite, eu tive uma grande lição. Eu me lembro de uma madrugada que eu saí com uns amigos para pintar o muro de uma escadaria do lado do Hospital 9 de Julho [região central de São Paulo]. A prefeitura tinha pinta-

do de cinza e falamos “Vamos lá pintar”. A gente pintou de madrugada e no dia seguinte de manhã eu saí para tirar uma foto e vi o caminhão da prefeitura pintando de cinza de novo. Durou algumas horas a arte. Isso foi 2007 talvez, era gestão do [Gilberto] Kassab, com aquela coisa da Cidade Limpa. Foi terrível na época, mas foi um aprendizado duro de como a Arte Urbana tem esse aspecto de fragilidade, de estar exposta. E aí eu fui entendendo, depois trabalhando com lambe-lambe, que é um meio muito convidativo à interferência porque é papel. Se você estiver com uma caneta BIC ali e quiser escrever um recado, você escreve. Como eu já vi pessoas escrevendo poesia em cima da camisa do Pelé que eu faço, por exemplo, que é branca, então tem bastante espaço para as pessoas escreverem. Daí eu fui percebendo que essa era a dinâmica do espaço urbano. Primeiro teve a fase da aceitação e depois a fase de diálogo com isso. Uma coisa que eu comecei a fazer depois de um certo tempo era fazer registros fotográficos das minhas obras depois de um mês, dois meses, um ano... Eu voltava lá e batia foto para mostrar um pouco essa evolução. Tanto em relação às interferências que vão surgindo quase que de forma natural, quanto as interferências muito pensadas de alguém que vai lá e escreve ou de alguém que vai lá e rasga. Eu acho que uma das riquezas da Arte Urbana, e principalmente do lambe-lambe, está nisso. Claro que todas as artes que são colocadas na rua, mesmo aquelas feitas em caráter oficial, um muralismo ou alguma coisa do tipo, estão sujeitas a interferências porque estão na rua. Mas o lambe-lambe é isso, por ser

papel, ser muito delicado, a quantidade de camadas que vão se sobrepondo é maior do que se você comparar com grafite, por exemplo. É mais rápido e eu acho isso muito interessante. Claro que tem interferências que são agressivas, que, dependendo da situação, ou você faz outra coisa por cima, ou você corrige, porque tem coisas como ofensas e coisas mais graves, que raramente acontecem, mas que já aconteceram em obras que tinham uma pegada abertamente mais política. Mas tirando esses casos, no mais das vezes é muito interessante de ver essa soma de significados, de camadas que vão se colocando. E eu passei a entender que isso era parte do processo e a registrar isso. Eu acho que o registro é realmente uma das coisas mais importantes na Arte Urbana, principalmente para gente que trabalha com papel, porque você pode de certa forma captar os atores que vão se somando ali com o tempo e esses atores vão colocando outros significados imprevistos. Muitas vezes eu prefiro minha obra depois de alguns meses no local do que logo depois que eu coleí, porque logo depois que eu coleí está ali, parece que eu fiz em um apartamento, em um espaço fechado. Depois de um certo tempo ganha um espírito mais urbano, porque ele vai acontecendo, independentemente da minha vontade ou não.

**El Signo Invisible:** Quase como se trouxesse uma vida a mais para obra, um movimento. Como essas sobreposições, rasuras, desgastes e os registros que você faz delas influenciam em seu processo criativo?



Primeira versão de obra feita na lateral do MASP (Museu de Arte de São Paulo).  
Fonte: imagem cedida pelo autor

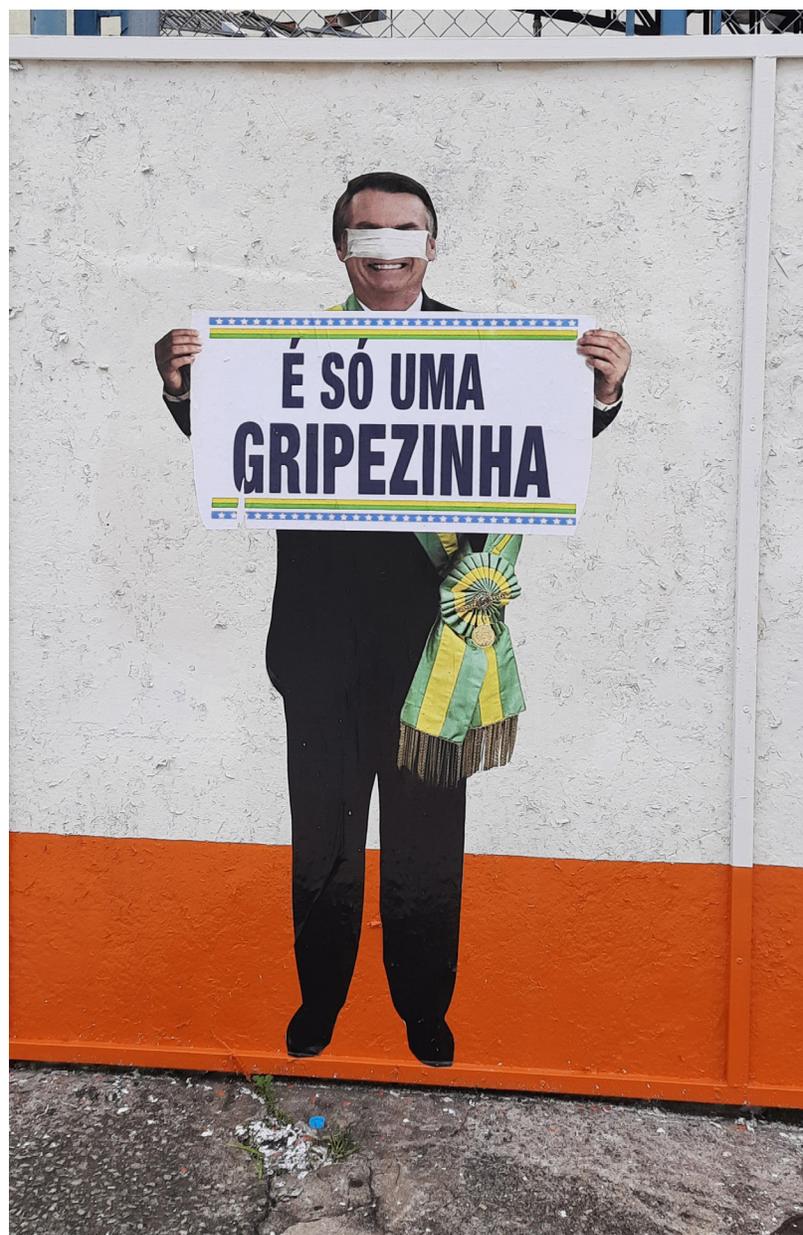
LB: Eu acho que varia de caso para caso. Tanto as vezes eu deixar um espaço ao lado dependendo da composição, alguns respiros que você sabe que vão chegar ali interferências. Só de eu ter esse pensamento já foi uma modificação em meu processo. Eu me lembro, por exemplo, que teve uma obra que eu fiz com o inominável, o ex-presidente [do Brasil, Jair Bolsonaro]. Era o tapume de uma obra e eu me lembro que quando eu fui colar eu pensei a posição porque eu imaginava que alguém pudesse ir lá e fazer alguma interferência. Aí eu pensei “Se a pessoa fizer alguma coisa, danificar isso aqui, eu venho e colo outro do lado, então eu preciso deslocar a figura mais para a esquerda, para seguir colando à direita”. E

foi batata, passaram algumas semanas, era um local que eu sabia que era um pouco problemático, e estava lá o lambe arrancado. Daí eu fui e coleí exatamente do lado direito. Até que acabou que eu coleí umas quatro vezes nessa sequência, daí você via nos registros as figuras arrancadas. E foi um pouco pensado aqui, porque eu já imaginava que pudesse acontecer, então eu acabei pensando o posicionamento da colagem já antevendo essa interação. Eu acho que, enfim, tem muitas formas, tanto o posicionamento da colagem, quanto aquilo que você vai colocar ao seu redor... Tudo isso de certa forma, hoje em dia eu já penso conforme eu sinto que aquele local vai produzir mais interferências.

**El Signo Invisible:** Para entrar um pouco no Pelé Beijoqueiro, essa é talvez uma de suas séries com maior visibilidade midiática e pelas ruas de São Paulo e fora dela. Você já deu diversas entrevistas falando sobre essas obras e em uma delas você se refere ao beijo que serviu como inspiração como símbolo de afeto e de simpatia. Na sua visão, qual a importância de ter esse afeto representado nas ruas?

**LB:** Eu venho de uma cidade pequena, eu nasci em Guararema, uma cidadezinha do interior [de São Paulo]. Hoje em dia mudou, claro, a cidade já não é tão pequena, mas ainda é bem diferente de São Paulo. Mesmo assim, você não anda tão fechado, você anda mais aberto, porque de repente você está andando e na esquina você encontra um conhecido, você cumprimenta. Pode ser um inferno também ficar trombando com as pessoas, mas a vida de cidade pequena é assim. É uma coisa interessante porque você fala bom dia e boa tarde para desconhecidos. E em São Paulo, em cidades grandes, isso não existe, é uma prática que já se foi praticamente. Quando eu passei a trabalhar em São Paulo, eu me vi naquele ritmo de vida, pegar metrô, descer e subir escada rolante, ônibus... Então você fica ali com a cara mais fechada, envolto no seu próprio universo. As pessoas de fone de ouvido, muito preocupado, aquela preocupação até com a violência da cidade grande. E de repente você ter um signo de afeto ali estampado grande na sua cara, de uma figura conhecida, dá uma desarmada nessa armadura que a gente veste para andar na cidade grande, de forma inconsciente até. Não é que as pessoas saem

de casa e falam “Agora eu vou ficar aqui de cara fechada”, eu acho que é meio que natural, as pessoas entram nessa vibração de cidade grande. E eu já ouvi de diferentes pessoas que estavam passando e viram o [Pelé] Beijoqueiro e falaram “Na hora eu dei risada”. Essa imagem é afetuosa, mas ao mesmo tempo engraçada, tem um pouco essa pegada humorística. Eu acho que tem essa importância também, de certa forma desarmar um pouco esse ar, essa armadura que a gente cria para transitar na cidade grande.





Registro de rasgos feitos em obra com o ex-presidente do Brasil. Fonte: imagens cedidas pelo artista

**El Signo Invisible:** E também o que você falou antes, dessa abertura, de olhar para a cidade para além de nós mesmos...

**LB:** Sim, porque quando você desarma, além de você se permitir sorrir, você também está se permitindo olhar para aquilo. E ver, “olha esse prédio”, ou “olha essa coluna”.

Eu faço o Pelé em um ponto ali na Augusta [rua da região central em São Paulo], em uma esquina, já faz dez anos que eu passo naquela esquina. Já tem pessoas que falam “Ali é a esquina do Pelé”, elas já notaram aquele espaço, se atentaram a ele. É um prédio de esquina que tem um pilar, é um solução arquitetônica bem incomum. E eu ocupo aquele pilar há dez anos já e eu tenho certeza que muitas pessoas passaram a notar aquele pilar por conta da arte; não só minha, porque como é grande, tem outros lambes, outras coisas ali. O Pelé Beijoqueiro, através desse olhar mais afetuoso, também permite que o afeto se aplique ao espaço urbano.



Pelé Beijoqueiro em pilar na calçada da Rua Augusta (SP). Fonte: foto cedida pelo artista

**El Signo Invisible:** Trazendo um pouco essa trajetória de alguém que nasceu em Guararema, uma cidade menor, com esse afeto, as relações com as pessoas, e que veio para São Paulo, uma metrópole completamente diferente. Como você enxerga a Arte Urbana nesses diferentes espaços, nessas diferentes cidades? Seja uma cidade no interior, uma grande metrópole, mas também crescendo para a América Latina, para a Europa ou para os Estados Unidos. Como você vê as diferenças na Arte Urbana em diferentes regiões?

**LB:** É bem diferente. Até se você for comparar São Paulo com uma cidade pequena, até Santos, onde eu moro. Claro que aqui tem bastante coisa, mas é diferente de São Paulo. Em São Paulo, ou em uma cidade que já tenha uma grande incidência de Arte Urbana, as pessoas já estão acostumadas e de certa forma mais letradas. Com isso eu quero dizer o público em geral, é um letramento visual que você tem porque você está vendo aquilo todo dia. Isso traz uma recepção que é muito diferente de uma cidade pequena, por exemplo, onde praticamente não existe grafite. Na minha cidade natal não tem; são pouquíssimos lugares que uma ou outra pessoa faz. As vezes que eu fiz alguma coisa por lá, foi um frisson. Então existem muitas diferenças só de você ir de grandes centros para cidades pequenas porque a Arte Urbana nasce ligada aos grandes centros.

Eu acho que quando a gente compara com grandes cidades da América do Sul, é muito parecido, ainda que eu ache difícil uma capital que tenha uma presença tão

grande assim de manifestações artísticas urbanas quanto São Paulo. Eu penso em Buenos Aires, Santiago, estive agora recentemente em Bogotá. Tem bastante coisa? Sim, mas acho que São Paulo é muito diferente nesse sentido mesmo. Mas de certa forma a lógica é a mesma, a lógica de ocupação, a maneira como as pessoas escolhem os muros. Você vê isso espalhado por várias zonas da cidades. Então eu acho que é mais ou menos parecido.

Já na Europa, nos lugares em que eu estive, é muito diferente porque não há essa cultura da Arte Urbana que se espalha por toda a cidade. Você tem áreas da cidade que não têm absolutamente nada – não estou falando de zonas históricas, que você tem prédios históricos –, em zonas as vezes não-centrais você tem espaço para ter arte urbana, tapumes que estão lá de obras que vão levar muito tempo, ou um muro que está à disposição que se fosse no Brasil já ia ter um monte de coisa ali, e que estão immaculados. Eu estou falando e está me vindo muito Londres. Foi uma cidade que eu estive duas vezes em momentos diferentes e eu senti isso. Em Londres eu me lembro que quando fui fazer alguma coisa por lá, me recomendaram ir na região de Brick Lane, que é uma rua famosa que tem por ali. É uma região central de Londres e ali em Brick Lane é uma rua completamente focada em grafite, pichação, colagem... As adjacentes também, você caminha um pouco mais para lá e tem outra ruazinha também que está cheia de coisa, mas você sai daquele miolo e parece um silêncio. Então o que eu percebi na Europa é que existem zonas

em que você tem uma grande incidência de Arte Urbana, mas são zonas específicas da cidade. É uma coisa muito distinta de nós. Em São Paulo você pode estar em um bairro nobre e você vai ver um grafite, você pode estar na periferia, pode estar no centro, não importa. Claro que tem lugares que têm mais, outros lugares que têm menos, mas têm. Você não vai precisar andar muito para você ter um grafite, uma pichação, um lambe-lambe. Lá em Londres, mas acho que isso se aplica a muitas cidades europeias – a maioria que eu estive, mas também de ver as imagens que chegam para gente e os relatos das pessoas que estiveram por lá – dá para entender que é mais ou menos a mesma lógica: você não tem essa cultura de espalhar a Arte Urbana de uma forma que é muito orgânica como existe em São Paulo e na América do Sul em geral. São contextos muitos diferentes.

**El Signo Invisible:** A partir da sua sensibilidade de artista, mas também tendo feito parte desses processos, você tem alguma ideia ou hipótese de por que aqui na América Latina é tudo mais espalhado e lá se concentra em alguns lugares?

**LB:** É uma resposta bem complexa, eu acho que tem a ver com essa questão de sermos, de certa forma, periféricos. Periféricos economicamente, socialmente e o fato de a gente ter tido um desenvolvimento social, econômico, urbanístico que seguiu os preceitos que vinham do velho continente, mas que a gente, por necessidades próprias e pelos nossos contextos, os seguimos até

certo ponto e depois os subvertemos. A gente também criou uma outra lógica de apropriação do espaço urbano e eu acho que os atores urbanos em si, os artistas urbanos, os coladores de cartazes, os pichadores, enfim, todos eles trouxeram um novo olhar para a forma de ocupação das cidades, que é algo que eu acho que só assim em um contexto como o nosso, em que você tem tantas precariedades na sociedade, tantas lacunas. De certa forma a gente vai lá e a gente preenche essas lacunas. Então é clássico (estou dizendo da pichação e da arte urbana em geral) chegar em imóveis que estão abandonados. Um imóvel abandonado está lá, alguém vai e picha, um viaduto que também está ali de certa forma esquecido, alguém vai lá e faz algo. Tem muitas lacunas em nossa sociedade, que são deixadas tanto pelo poder público, tanto pelo Capital. Simplesmente deixam as coisas, a arquitetura, as pessoas que estão nas ruas... A gente vai lá e se apropria disso.

E tem essa questão da autorização. Vou te dar um exemplo, o Minhocão em São Paulo [Elevado Presidente João Goulart, na região central da cidade], é um grande viaduto e que é uma obra que já era obsoleta quando foi criada; é uma avenida sobre uma avenida, em que você cria um submundo na avenida debaixo, de sombras, onde a luz não chega. Se São Paulo fosse a Suíça, provavelmente eu ia ter que pedir autorização para ir lá e fazer uma arte, mas não é. São Paulo não é a Suíça, você vai ver ali uma população de rua, morando ali porque a gente está em um país pobre, um país que exclui milhares de pessoas em uma ci-

dade como São Paulo. É um lugar sujo, é um lugar perigoso, e é um lugar onde o poder público não chega, onde as pessoas passam com seus carros com o vidro fechado, com as portas travadas e só quem anda ali no dia a dia é que entende esse local. Então é muito comum os grafiteiros chegarem, as vezes em grupos, e pintarem essas colunas de sustentação do viaduto. Vão e fazem, como uma iniciativa, uma ação direta, uma iniciativa própria dessas pessoas que não vão pedir autorização para o poder público porque não vai chegar a tempo, porque são tantas instâncias burocráticas, oficiais para você fazer uma arte em um espaço que está ali absolutamente largado e a gente não tem nem tempo, nem energia para isso, a gente quer colocar a nossa energia em outra coisa. A gente vai lá, faz e aquilo movimenta e cria uma dinâmica para as pessoas que de fato vivem aquele espaço, não as pessoas que passam de carro ali só, como um espaço de passagem, mas a população que mora ali nas redondezas. Quando eu vou fazer alguma coisa por lá eu sempre troco ideia com a população de rua que está ali, quase que como pedindo uma licença, porque é como a casa deles, eu não posso chegar ali e fazer sem trocar uma ideia com eles. Eu vou trocar uma ideia com quem está ali, morando ali, e não com o subprefeito da Sé. Eu acho que é muito por aí, a maneira como a nossa sociedade evoluiu. Claro que a gente anseia por mudanças, claro que todo mundo que está envolvido com a educação, com arte, com ensino, qualquer pessoa que tenha um pouco mais de consciência social, espera que muitas das situações mudem – situações

que inclusive provocam essa ação orgânica da arte urbana, que proporcionam esse ambiente. A gente clama por mudanças, a gente está aqui pensando nisso. Mas a gente também tem que trabalhar com o contexto que a gente vive, então o contexto que a gente vive é isso: é um país pobre, desigual, que faz com que as cidades cresçam de forma absolutamente desregrada, desproporcional, criando vazios, lacunas, vácuos. São Paulo é uma cidade que está o tempo todo como um canteiro de obras, vai produzindo ruínas, vai produzindo espaços negligenciados e, claro, se isso fosse feito de uma forma absolutamente ordenada, se a gente fosse a Suíça, talvez isso não aconteceria dessa forma e talvez a Arte Urbana não se expressasse dessa forma também, mas não é o que acontece. Então é isso, a Arte Urbana é também um reflexo do contexto social onde ela é gerada.

**El Signo Invisible:** Entrando um pouco mais no seu trabalho e nos seus processos. Você é muito sensível em captar o espírito do tempo e conectá-lo com elementos quase que impensáveis – uma criança lendo Nietzsche, um macaco lendo Peirce, potentes figuras simbólicas como o Pelé, ou fantasiosas e ficcionais. Tem discurso, tem expressão estética e tem reflexão. De onde que surge esse seu direcionamento e forma de trabalhar?

**LB:** Bom o processo varia muito de caso para caso. Às vezes eu sou instigado a fazer uma obra e aí eu tenho que mergulhar naquele universo. Mas também, essas obras que você citou, por exemplo, são obras que



Obra de Luis Bueno em São Paulo. Fonte: imagem cedida pelo artista

surgiram de forma muito natural. Eu sempre lembro de uma professora de Antropologia que dizia que tudo é fontal, tudo é fonte de inspiração. Ela falava muito da criação do ócio, dessa coisa de às vezes você deixar seu inconsciente trabalhar, ou respeitar as ideias que surgem daí. Eu sou uma pessoa que estou me alimentando de informação o

tempo todo; eu acordo já ouvindo notícia, eu leio, dedico algumas horas da minha vida a leitura de livro, eu vou ver filme, eu caminho, eu saio pela cidade, eu vejo coisas. Então eu entendi que tudo isso está ali produzindo informações e muitas vezes essas ideias vêm de forma inesperada. Lembro dessa série dos leitores, do menino lendo Nietzsche, não

foi uma coisa que eu parei e falei “Agora eu vou fazer isso”. Eu não me lembro exatamente, porque essa série é muito antiga, mas a sensação que eu tenho é que eu estava fazendo alguma coisa, daí eu pensei “E se eu fizer assim? Um personagem lendo um livro?”. Que é o que eu fiz também com os personagens segurando cartazes, eu pensei “E se eu fizer um personagem segurando um cartaz? Será que funciona?”. Eu começo com a ideia primeiro na minha cabeça, a criar imagens mentais, depois eu vou e rabisco alguma coisa, faço um desenho, daí quando eu vejo algum futuro ali, eu passo para uma outra etapa, que é fazer um rascunho digital para ver se eu continuo gostando da ideia. Tem ideias que ficam pelo caminho e eu acho que é importante que tenham. Não é tudo que passa pela nossa cabeça que de fato se concretiza em arte. Tem muitas ideias que já viraram papel rasgado, que eu vou coloco no papel e não gosto. Mas eu acho que esse processo de quase um brainstorming, mas que nasce de forma orgânica, sem ser de fato um exercício consciente. São as coisas que vão surgindo. Mesmo as coisas que ficam pelo caminho, ou as coisas que avançam, tudo isso faz parte de um processo. E quando esse processo chega de fato, no meu caso, a ser impresso, a ser colado na rua, eu depois vejo aquilo colado e analiso se funcionou ou não. Também tem coisas que eu colo na rua que eu não mostro para ninguém, que são só experimentos meus. Se eu gostei, eu vou fazer um registro e postar [nas redes sociais], senão, também serviu como uma experiência. Eu tento ver tudo como um grande processo que vai desde

as primeiras ideias geradas até o final colado na rua.

**Já quando a gente é, como eu falei, instigado a produzir alguma sobre um determinado tema, eu me foco naquilo, vou e pesquiso muito. Eu tendo a ler muito sobre o tema, porque as vezes a gente tem uma percepção sobre determinado assunto, sobre determinada pessoa, que está muito ali naquela primeira informação que chega, naquele senso comum e quando a gente trabalha com arte, quando a gente trabalha com linguagem, com ciência ou com o que for, a gente precisa aprofundar. Se eu quero fazer um trabalho com uma pessoa, preciso ler então um pouquinho mais, se é uma pessoa que eu não conheço, entender um pouquinho mais da biografia.**

Eu acho que isso é uma parte importante dos processos, mas eu acho que é muito importante também você ouvir essas vozes interiores que dão esse respiro. Quando é uma criação autoral que surge dessa forma orgânica que eu relatei, isso vem naturalmente, os respiros são dados naturalmente. Quando é uma criação, um trabalho comissionado, eu acho que é importante sair, fazer outra coisa, me dedicar a outra coisa e depois voltar, para começar a ter outro olhar. Porque, pelo menos para mim, funciona assim, essa necessidade de ter respiro, você parar, fazer outra coisa, desanuviar a cabeça e depois olhar de novo. É como se o cérebro desse uma resetada e aí você tem um olhar até mais imparcial.

**El Signo Invisible:** Você tem uma trajetória que passou pela graduação em Design Gráfico, pelo mestrado em Artes Visuais e também pela docência. Como essa relação com a academia influenciou sua atuação como artista? Como se dá para você essa relação entre o design, que é sua formação, e sua produção artística?

**LB:** Eu acabei me encaminhando para o campo das Artes para uma linguagem na qual eu uso as ferramentas de produção que eu trabalhava no design. Não que eu tenha pensado nisso na época, mas hoje vendo com um afastamento, eu vejo que essa aproximação aconteceu porque eu poderia trabalhar com lambe-lambe com as mesmas ferramentas, com os mesmo softwares gráficos, com a computação gráfica com a qual eu era tão íntimo e que me davam essa possibilidade de produção seriada e com uma certa agilidade.

**Eu acho que essa relação se deu basicamente aí, claro que tem também um jeito de pensar: hoje quando eu vou fazer um projeto artístico, eu acho que eu tenho um método que poderia ser aplicado a um projeto de design em certa forma. Não é uma coisa que eu pensei em transportar um método X para cá, acontece de forma natural. De certa forma, tanto o curso de Design, quanto a vivência, meio que projetam o seu jeito de pensar de certo modo. Claro que é uma coisa aberta, mas o vocabulário e as etapas que você vai seguindo têm uma proximidade com o universo do design.**

**El Signo Invisible:** E sobre esses trabalhos comissionados, trazendo também para o nosso contexto mais imediato, como foi seu processo para a criação da identidade visual do X Congresso Latino-Americano de Semiótica?

**LB:** Foi uma caminhada também, foi um processo. Nesse caso, quando eu estou trabalhando com um cliente, no caso vocês da FELS, que tem também uma bagagem nesse campo da linguagem, é muito gratificante porque eu posso também fazer essa criação de forma conjunta. Eu me lembro que tivemos conversas lá atrás e eu fui pesquisar bastante sobre a FELS, o que é a FELS, o que eram esses congressos. Vi bastante coisa no site, vi alguns artigos, fui ver como que eram as identidades visuais das outras edições e aí eu me lembro que eu apresentei uma primeira versão. Tiveram coisas legais e coisas que não estavam funcionando tão bem. Eu ainda estava trabalhando muito com uma forma de representar a América Latina de uma forma que não fosse tão literal, mas que trouxesse também essa questão da informação junto. Primeiro veio uma solução de trabalhar com o mapa, dar uma desconstruída no mapa da América do Sul, daí trocamos essa ideia e me lembro que vocês sugeriram algumas coisas, me mandaram algumas imagens de clip art, muito aberto. E daquelas referências que foram mandadas, o que eu gostei foi a questão do sol. Quando há essa possibilidade de troca eu acho muito interessante porque a criação não é só minha.

O sol me dá essa coisa de um novo mundo, que tem relação com a América do Sul, como um alvorecer de sentidos, de um

novo mundo mesmo, de um mundo que está se formando agora, mas que já está em uma fase de transição mais avançada para uma sociedade tecnológica, disso a gente não tem como escapar, está dado. É algo que a gente estuda desde quanto estava fazendo faculdade, a gente falava muito de novas mídias, mas as mídias já não são mais novas, elas já estão ali consolidadas e de fato é um novo mundo que está surgindo e a gente está aqui, vendo a história acontecer e fazendo parte dela. Tem esse sentido muito bonito de um alvorecer. Eu peguei essa ideia, mas eu quis trabalhar com a ideia de montanhas, de camadas, porque eu acho também que tem uma coisa muito interessante, uma coisa que caracteriza muito o continente americano em si que é essa espinha dorsal que são as montanhas, que vem desde lá da América do Norte até os nossos Andes aqui. Não sei se você sabe disso, mas a nossa Serra do Mar [cadeia montanhosa no Brasil que se estende do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul] e o Planalto Central do Brasil são primos das outras montanhas da América Latina. A mesma formação que fez com que os Andes subissem, fez com que o Planalto Central também se formasse, criando esse paredão que é a Serra do Mar, então são formações geológicas que tem essa ligação.

É um signo montanha que tem um significado muito ancestral e muito diverso para muitas pessoas e eu achei que ele funcionaria muito bem com o signo do sol, porque eu mostro algo se elevando. E com isso eu poderia também trabalhar com camadas, quase como se fossem camadas geológicas que vão se sobrepondo uma a outra, mas que também trouxessem um

movimento, mostrando que essas camadas que são tão ancestrais, de certa forma, estão vivas também, não tem nada parado na verdade. E foi isso, esse signo visual então nasceu desse bate bola que eu achei sensacional.

Fora isso, teve a questão da tipografia, que isso aí eu já tinha inserido, de fazer o “Latino-Americano” em fontes de lambe-lambe, que são fontes que eu vetorizei, que eu peguei de lambe-lambes tradicionais e reconstruí digitalmente; elas têm uma mistura tipográfica, não são todas da mesma família. Isso que é uma coisa muito típica que a gente faz no lambe-lambe, porque boa parte das máquinas de impressão que a gente usava antigamente para fazer impressão de cartazes de lambe-lambe era europeia e as tipografias também. As famílias tipográficas vinham, mas muita coisa se perdia pelo caminho e pela agilidade na produção, então era hábito misturar tipografia, isso já fazia parte um pouco desse metier. Como muitas vezes não se tinha todas as tipografias da mesma família, procurávamos similares para compor. E isso virou uma estética do lambe-lambe nosso aqui no Brasil, formar palavras com fontes diferentes, semelhantes, porém diferentes. Isso no Brasil, mas também na Argentina e no México, e eu quis trazer um pouco disso, dessa tipografia que é mais desenhada, tem essa coisa dessa latinidade nas curvas. Em contraponto com a outra tipografia que é mais dura, mais Suíça, mais europeia. Então eu acho que a América Latina é o encontro de mundos, nós somos inevitavelmente esse encontro de mundos diferentes, tanto a coisa do sol nascendo, indicando um alvorecer, quanto esse encontro com as tipografias de certa forma falam sobre esse mundo que é nosso.

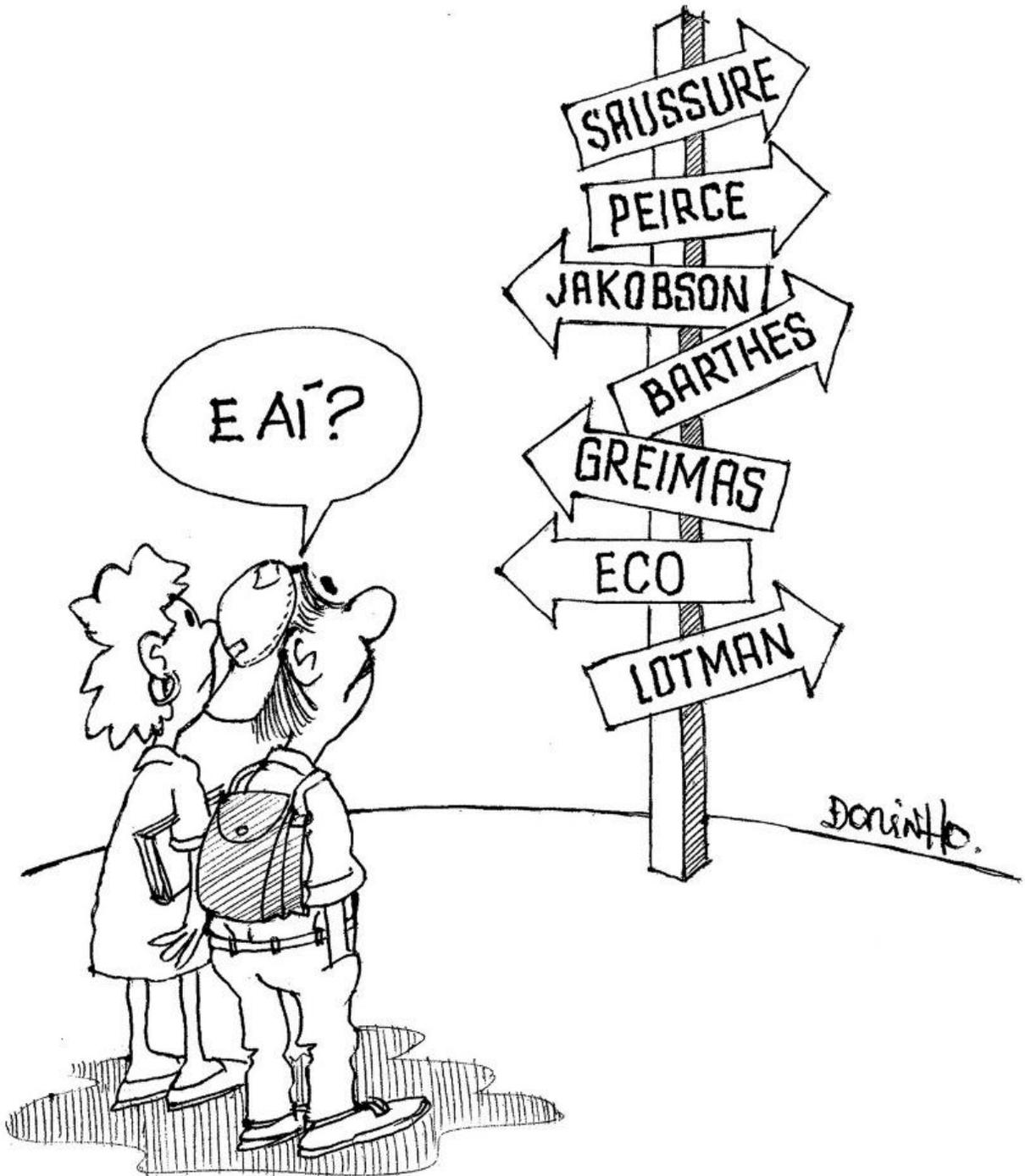
# Coleção de cartuns semióticos do Dorinho Bastos



Professor Livre Docente do curso de Publicidade da ECA USP. Professor dos cursos de Pos Graduação da ECA, ESALQ e FIA USP. Diretor estudio Dorinho Bastos Comunicação e Design. Cartunista e colunista em veículos ligados a Comunicação e o Marketing.

Dorinho é um homem da imagem. Cria mundos liminares onde a realidade e a ficção se encontram na beleza refinada de seus personagens, objetos e cenários. A partir do traço expressivo e cheio de humor, desfila sua crítica sagaz e nos transporta do sensível ao reflexivo com a leveza e a graça de um sorriso genuíno. A obra Cartuns Semióticos reúne 16 peças que dialogam com conceitos de autores que são referência no campo oferecidos na rica ambiência da vida cotidiana. Cheios de sabor, inteligência e bossa, são um deleite e uma inspiradora celebração imaginativa.

Clotilde Pérez



CONFESSO  
QUE TENHO UM POUCO  
DE DIFICULDADE DE  
ENTENDER O QUE  
ESCREVO...



# EGOS SEMIÓTICOS...



A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO  
PARA MIM, É DE UM SUJEITO  
QUE SE CONSTITUI NAS RELAÇÕES  
COM OUTROS HUMANOS... SACOU?



# SEMIÓTICA

¿E O FUTURO?

DOMINGO.









ALFREDO,  
É INSUPORTÁVEL  
ESSA OBSESSÃO  
POR ANALISAR...

A FORMA  
COMO VOCÊ  
SEGURA A FACA,  
DIZ MUITO  
SOBRE VOCÊ.

Domínguez

... SE A ANÁLISE FOR  
BASEADA NOS CONCEITOS DA  
SEMIÓTICA, A SESSÃO  
É MAIS CARA.



DOMINIKO.



NEM TODO PIRATA  
É UM SEMIÓTICO!











COMO SER FELIZ  
SEM SABER  
O FUTURO  
DA SEMIÓTICA?



# Painéis



# Painéis



# Painéis



# Conferencistas



conferência plenária

## PROSPEÇÃO SEMIÓTICA DAS PRÁTICAS DE VIDA NO FUTURO

**ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA**

Pontifícia Universidade Católica (SP)

**Mediação**  
Milton Chamarelli

**03/07 14h00**  
Auditório Freitas Nobre (CJE)



conferência plenária

LA TIERRA, LOS NEVADOS Y EL SOL EN LA PEREGRINACIÓN ANUAL DEL SEÑOR DE QOYLLUR R'ITI

## ¿ES POSIBLE UN COMPROMISO ÉTICO-SEMIÓTICO CON EL MEDIO AMBIENTE?

**CELIA RUBINA**

Pontifícia Universidad Católica del Perú

**Mediação**  
Paolo Demuru

**03/07 14h00**  
Auditório Lupe Cotrim (CCA)



conferência plenária

## DISCURSO, POLÍTICA E SOCIEDADE

QUESTÕES SEMIÓTICAS

**DIANA BARROS**

Universidade de São Paulo (USP)

**Mediação**  
Bruno Pompeu

**03/07 9h00**  
Auditório Lupe Cotrim (CCA)



conferência plenária

## IMAGEM, ALGORITMOS E BANCO DE DADOS

DA ANÁLISE À GERAÇÃO



**MARIA GIULIA DONDERO**

Université de Liège

**Mediação**  
Elisa Reinhardt Piedras

**03/07 14h00**  
Auditório Paulo Emílio (CCA)



conferência plenária

## CHRONOS, KAIRÓS E A SEMIÓTICA DAS COISAS SEM NOME



**IVO IBRI**

Pontifícia Universidade Católica (SP)

**Mediação**  
Vinicius Romanini

**03/07 9h00**  
Auditório Paulo Emílio (CCA)



conferência plenária

## NOVOS SENTIDOS DE LA MODA

SOLIDARIEDADE, SUSTENTABILIDADE, SOFISTICAÇÃO



**JOSÉ MARIA PAZ GAGO**

Universidade da Coruña

**Mediação**  
Alexandre Bueno

**03/07 9h00**  
Auditório Freitas Nobre (CJE)

# Conferencistas



conferência plenária

## VOULOIR COMPRENDRE



**ERIC LANDOWSKI**  
CNRS Paris

**Mediação**  
Roberto Chiachiri

**04/07 9h00**  
Auditório Paulo Emílio (CCA)



conferência plenária

## NUEVAS DISQUISICIONES EN LA CORPOSFERA. SITOFILIA:

CUERPO Y SEXO,  
EROTISMO Y ALIMENTACIÓN



**JOSÉ ENRIQUE FINOL**  
Universidad La Zulia

**Mediação**  
Renata Mancini

**04/07 14h00**  
Auditório Paulo Emílio (CCA)



conferência plenária

## SEMIÓTICA(S): HISTÓRIA, EPISTEMOLOGIA E ENSINO



**JEAN CRISTTUS  
PORTELA**  
Universidade Estadual de São Paulo

**Mediação**  
Fernando Contreras

**04/07 9h00**  
Auditório Lupe Cotrim (CCA)



conferência plenária

## SEMIÓTICA E INTERDISCIPLINA EN EL ECOSISTEMA MEDIÁTICO ACTUAL



**JOSE LUIZ FERNANDEZ**  
Universidad de Buenos Aires

**Mediação**  
Luiz Alberto  
de Farias

**04/07 9h00**  
Auditório Freitas Nobre (CJE)



conferência plenária

## MODOS DE TEXTUALIDAD

UNA DISCUSIÓN  
METODOLÓGICA



**OSCAR QUEZADA**  
Universidad de Lima

**Mediação**  
Pedro Hellín

**04/07 14h00**  
Auditório Lupe Cotrim (CCA)



conferência plenária

## CONSUMO, CONTESTACIÓN Y CONFIGURACIONES AFECTIVAS EN EL CHILE DEL ESTALLIDO SOCIAL



**PAULINA  
GÓMEZ-LORENZINI**  
PUC Chile



**LILIANA DE SIMONE**  
PUC Chile



**CLAUDIO RACCIATTI**  
PUC Chile

**Mediação**  
María Ogécia Drigo

**04/07 14h00**  
Auditório Freitas Nobre (CJE)

# Conferencistas



conferência plenária

**OBSERVANDO A  
HIPERATIVIDADE DOS  
HIPERCONECTADOS  
NO CAPITALISMO  
COMUNICACIONAL**



**JOSÉ LUIS AIDAR**

Pontifícia Universidade Católica (SP)

**Mediação**  
Sandro Tórres  
de Azevedo

**05/07 14h00**  
Auditório Paulo Emílio (CCA)



conferência plenária  
**FUTURIZAR  
LA UTOPIA**

FICCIONES DEL FINAL

**CARMEN GALÁN**

Universidad de Zacatecas

**Mediação**  
Matheus  
Schwartzmann

**05/07 14h00**  
Auditório Freitas Nobre (CJE)



conferência plenária

**O DISCURSO DA  
EXTREMA-DIREITA  
BRASILEIRA E OS  
DESAFIOS PARA  
A DEMOCRACIA**



**JOSÉ LUIZ FIORIN**

Universidade de São Paulo

**Mediação**  
Eneus Trindade

**05/07 9h00**  
Auditório Lupe Cotrim (CCA)



conferência plenária

**EFFECTOS DE LA  
HIPERMEDIATIZACIÓN  
Y OTROS PROCESOS EN LA  
"CRISIS DEL TIEMPO"  
CONTEMPORÁNEA**



**MARIO CARLÓN**

Universidad de Buenos Aires

**Mediação**  
Milton Chamarelli

**05/07 14h00**  
Auditório Lupe Cotrim (CCA)



conferência plenária

**O FUTURO  
NO ROSTO**  
DA FISIONOMIA À  
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

**MASSIMO LEONE**

Universidade de Turin

**Mediação**  
Bruno Leal

**05/07 9h00**  
Auditório Paulo Emílio (CCA)



conferência plenária

**SEMIÓTICA DEL ESPACIO.  
MOVILIDAD INTERNA Y ACCIONES PARA LA PAZ**



**NEYLA PARDO**

Universidad Nacional de Colombia



**CAMILO ALEJANDRO RODRÍGUEZ**

Universidad Nacional de Colombia

**Mediação**  
Kati Caetano

**05/07 9h00**  
Auditório Freitas Nobre (CJE)









# SELO EDITORIAL “COMUNICACIÓN, ARTE Y CONSUMO”

Por ocasião do XIII Congresso da Associação Chilena de Semiótica, ocorrido em outubro de 2023, recebi o convite de André Telesca, do editorial SB, da Argentina, para dirigir uma coleção de livros que tivesse como objetivo central a divulgação científica de autores brasileiros na América Latina e de Latino-americanos no Brasil, com publicações em espanhol e em português. Escolhi o título *Comunicación, Arte y Consumo*, para expressar as grandes áreas de interesse da coleção, tendo a semiótica como um de seus pilares estruturantes. Os principais objetivos da coleção estão relacionados a ampliação da visibilidade da produção científica nos campos da comunicação, da arte e do consumo, promovendo a circulação do conhecimento gerado por pesquisadores da região que são referência bibliográfica no campo e destacados na formação de novos pesquisadores. Por meio das publicações, também pretendemos desenvolver o gosto pela reflexão capaz de nutrir e inspirar o pensamento crítico comprometido com a excelência no exercício partilhado da ciencia aberta e com fins públicos. Esta selo editorial é dirigido por Clotilde Perez.

NESTE PRIMEIRO ANO DE 2024, A COLEÇÃO JÁ CONTA COM 3 LIVROS PUBLICADOS. SÃO ELES:

## ¿Existen límites al consumo? De Clotilde Perez

comunicación  
arte  
consumo



¿EXISTEN LÍMITES AL CONSUMO?  
DE LAS TRANSACCIONES COMERCIALES A LA CIRCULACIÓN DE SIGNIFICADO

¿Existen límites al consumo? De las transacciones comerciales a la circulación de significado ofrece un importante aporte a la reflexión sobre el lugar del consumo en la sociedad contemporánea, a partir del análisis sobre sus posibilidades y límites, buscando construir una “adecuación”.

Presenta la evolución del consumo en la sociedad occidental, con énfasis en comprender la comercialización, los orígenes del capitalismo y las relaciones de las personas con la cultura (in)material, motivadas en gran medida por la publicidad de las marcas, pero que se despliegan en la comprensión de la identidad, la ciudadanía y los afectos. Dedicada un capítulo a los rituales de consumo, entendiendo la complejidad de este proceso, que parte de la búsqueda de información, pasando por la compra, el uso, la posesión y el descarte, además de las innumerables posibilidades de resignificación, alargando la vida de los bienes.

El abordaje del consumo como ritual amplía enormemente la comprensión de la sociedad misma, ya que ofrece reflexiones sobre los mecanismos de transferencia de significado del mundo cultural y socialmente constituido a las personas, a través de vectores de signos privilegiados como el sistema de la moda. La ecología publicitaria y la telenovela. Para concluir, el texto se ocupa de los límites del consumo, cuestión que abre la obra, llegando a la comprensión de que existen límites claros al consumo, que son cívicos, morales y afectivos.

**Clotilde Pérez** es Doctora en Comunicación y Semiótica por la PUC SP. Becaria de investigación del Consejo Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), Profesora Titular de Publicidad y Semiótica de la ECA Universidad de São Paulo (USP), junto con el curso de Publicidad y el Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom), Coordenadora del Programa de Ciencias de la Comunicación de la USP (2021-2023), Vicepresidenta de la Federación Latinoamericana de Semiótica (FLAS) y presidenta de la Asociación Brasileña de Investigadores en Publicidad (ABIP). Editora de la revista *Signos de Consumo* del Consejo Científico de Estudios. Líder del grupo de Estudios Semióticos en Comunicación (EECS), de del Departamento de Relaciones Públicas, Publicidad y Artes de ECA USP (2017-2021). Fundadora de Casa Semio. Profesora invitada en la Universidad de Murcia, en el máster en Tendencias Sociales, Universidad de Sevilla (Universidad Católica Portuguesa, en el Máster en Marketing) y en el Bachelor School, Universidad Católica de Chile y Universidad Católica de Perú. Coeditora y copropietaria de Cultura Material y Consumo y el MBA de Moda, ambas de ECA USP. Autora de *Ferrocarril de Oregón*, *Cherries*, *Paparazzi*, *Signos de Marca* (2004, 2017), *Museos, semiótica de vida imaginaria* (2011) y coautora de *Pretextos e Pretextos* (2016), *Cultura Global Publicitaria* (España, 2013), *Publicidade e semiótica de vida* (2019), *Publicidade e os seus usos em comunicação* (2006), *Comunicação e Marketing* (2001) y *Investigaciones de las clases medias: perfiles y procesos* (2001), *Ontologia Publicitaria: teoria, prática e linguagem* (2015), *Universo Signos de Práticas* (2013), *Alphabetização e Alfabetização* (2007). Autora de más de 70 capítulos de libros, 80 artículos en revistas científicas de Brasil y del extranjero y más de 200 artículos en periódicos y revistas nacionales, además de colaboración en la revista *Cooper* dentro del grupo *Intercom*.

www.editorialsb.com  
facebook.com/editorialsb • Instagram.com/editorialsb  
Twitter.com/editorialsb • YouTube.com/cEditorialsb



¿EXISTEN LÍMITES AL CONSUMO? DE LAS TRANSACCIONES COMERCIALES A LA CIRCULACIÓN DE SIGNIFICADO - CLOTILDE PÉREZ



Clotilde Pérez

### ¿EXISTEN LÍMITES AL CONSUMO?

DE LAS TRANSACCIONES COMERCIALES A LA CIRCULACIÓN DE SIGNIFICADO



# Publicidade: uma biografia. De Bruno Pompeu

comunicación  
arte  
consumo



## PUBLICIDADE: UMA BIOGRAFIA

Este não é mais um livro que simplesmente procura contar a história da publicidade. É obra que se vale dessa perspectiva histórica para propor algumas reflexões e alguns questionamentos que nos parecem indispensáveis – ou até urgentes – aos que querem se formar em publicidade, pesquisam no campo da publicidade, atuam profissionalmente em publicidade ou simplesmente se interessam por publicidade no contexto contemporâneo.

Desde as primeiras manifestações de uma comunicação ainda muito incipiente voltada ao simples comércio até a instauração de uma lógica algorítmica que se revela, em essência, publicitária, passando por questões complexas ligadas ao desenvolvimento do campo acadêmico da publicidade e pela formação de graduação em publicidade, a intenção deste livro não é apresentar soluções simples ou receitas prontas para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da comunicação publicitária. Nossa ideia sempre foi muito mais a de estimular o pensamento, fazer convite à reflexão.

Em um tempo em que o consumo se consolida como paradigma geral das sociedades contemporâneas, em que os processos de digitalização e midiatização nos atravessam por completo, em que marcas de grandes corporações estabelecem-se como as principais referências simbólicas de uma sociedade eminentemente capitalista, compreender a publicidade nos parece tarefa indispensável a todos nós.

**Bruno Pompeu** é escritor, publicitário, professor e pesquisador de publicidade. Formou-se em Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Tem doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP). Leciona disciplinas de linguagem publicitária, redação publicitária, semiótica e consumo no mesmo curso e no mesmo programa de pós-graduação em que se formou. É autor dos livros *Dicionário técnico e crítico da comunicação publicitária* (2012, com Juan Droguett), *Semipublicidade: inovação no ensino* (2018), *De onde veio, onde está e para onde vai a publicidade?* (2021) e *O presente e o presente* (2024, com Clotilde Perez e Eneus Trindade). É um dos sócios fundadores da Casa Sertão, membro do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo (GESCC) e representante sudeste na Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2).

www.editorialab.com  
facebook.com/editorialab • Instagram.com/editorialab  
twitter.com/editorialab • youtube.com/c/Editorialab



sb



Bruno Pompeu

## PUBLICIDADE: UMA BIOGRAFIA

DOS PREGÕES DE RUA  
À LÓGICA ALGORÍTMICA



sb



# Las cuatro revoluciones invisibles: audiencias, desde antes de la radio hasta después del podcast.

De José Luis Fernández

comunicación  
arte  
consumo



## LAS CUATRO REVOLUCIONES INVISIBLES

Este no es más un libro que simplemente procura contar a historia de la publicidad. Es obra que se vale de esta perspectiva histórica para proponer algunas reflexiones y algunos cuestionamientos que nos parecen indispensables – o incluso urgentes – a los que quieren formarse en publicidad, investigan en el campo de la publicidad, actúan profesionalmente en publicidad o simplemente se interesan por la publicidad en el contexto contemporáneo.

Desde las primeras manifestaciones de una comunicación aún muy incipiente vuelta al simple comercio hasta la instauración de una lógica algorítmica que se revela, en esencia, publicitaria, pasando por cuestiones complejas ligadas al desarrollo del campo académico de la publicidad y la formación de graduación en publicidad, la intención de este libro no es presentar soluciones simples o recetas listas para el desarrollo o el perfeccionamiento de la comunicación publicitaria. Nuestra idea siempre fue mucho más la de estimular el pensamiento, hacer convite a la reflexión.

En un tiempo en que el consumo se consolida como paradigma general de las sociedades contemporáneas, en que los procesos de digitalización y mediatización nos atraviesan por completo, en que marcas de grandes corporaciones establecen-se como las principales referencias simbólicas de una sociedad eminentemente capitalista, comprender a la publicidad nos parece tarea indispensable a todos nosotros.

**José Luis Fernández** es escritor, publicitario, profesor e investigador de publicidad. Se formó en Publicidad y Propaganda en la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo (ECA-USP). Tiene doctorado y maestría en Ciencias de la Comunicación de la Universidad de São Paulo (PPGCOM-USP). Leciona disciplinas de lenguaje publicitario, redacción publicitaria, semiótica y consumo en el mismo curso y en el mismo programa de posgrado en el que se formó. Es autor de los libros *Diccionario técnico y crítico de la comunicación publicitaria* (2012, con Juan Droguett), *Semipublicidad: innovación en el ensino* (2018), *De dónde vino, dónde está y para dónde va la publicidad?* (2021) e *O presente e o presente* (2024, con Clotilde Perez e Eneus Trindade). Es uno de los socios fundadores de la Casa Sertão, miembro del Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo (GESCC) e representante sudeste na Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2).

www.editorialab.com  
facebook.com/editorialab • Instagram.com/editorialab  
twitter.com/editorialab • youtube.com/c/Editorialab



sb



José Luis Fernández

## LAS CUATRO REVOLUCIONES INVISIBLES

AUDIENCIAS  
DE ANTES DE LA RADIO  
HASTA DESPUÉS DEL PODCASTO



sb





## La Rosalía: análisis semiótico de una obra viva

NATHALY GÓMEZ GÓMEZ

## “Espacio: estética y significación”

Dossier

Luis Frías Leal

## Efectos: el juego de los abalorios

Ensayos + entrevista + poesía semiótica

fels

Puedes descargar nuestra revista anual Nº 7, 2023,  
en el siguiente enlace:

<https://elsignoinvisible.com/revista-el-signo-invisible-n7/>



Significa con nosotros

[elsignoinvisible.com](http://elsignoinvisible.com)



**EL SIGNO *in*VISIBLE**

# CONSELHO CIENTÍFICO E ORGANIZAÇÃO

## X Congresso da Federación Latinoamericana de Semiótica

- Alexandre Bueno, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL)
- Ana Claudia de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- Bruno Leal, Universidade Federal de Minas Gerais
- Bruno Pompeu, Universidade de São Paulo
- Celia Rubina, Universidad Católica de Perú
- Clotilde Perez, Universidade de São Paulo e vice-presidente da Federación Latinoamericana de Semiótica (FELS)
- Diana Luz Pessoa de Barros, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH)
- Elisa Piedras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Eneus Trindade, Universidade de São Paulo
- Guilherme Nery Atem, Universidade Federal Fluminense
- Irene Machado, Universidade de São Paulo
- Ivo Ibri, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e revista *Cognitio*
- Ivã Carlos Lopes, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH) e revista *Estudos Semióticos*
- Jean Christtus Portela, Universidade Estadual Paulista (Unesp)
- José Maria Paz Gago, Universidad de la Coruña e presidente da Federación Latinoamericana de Semiótica (FELS)
- Kati Caetano, Universidade Tuiuti do Paraná
- Lucia Leão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

- Maria Lilia Dias de Castro, Universidade Federal de Santa Maria
- Maria Ogécia Drigo, Universidade de Sorocaba
- Marcelo Machado Martins, Universidade Federal de Pernambuco (Campus Caruaru)
- Massimo Leone, Universidade de Turim
- Matheus Schwartzmann, Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Campus Araraquara e editor da revista CASA
- Mauricio Zouein, Universidade Federal de Roraima
- Milton Chamarelli, Universidade Federal do Acre
- Neyla Pardo, Universidad Nacional de Colombia
- Pablo Moreno, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
- Paolo Demuru, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES)
- Paulina Gómez, Universidad Católica de Chile
- Priscila Borges, Universidade de Brasília
- Renata Mancini, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH)
- Roberto Chiachiri, Universidade Metodista e Cátedra Unesco
- Rogério Covalski, Universidade Federal de Pernambuco
- Sandro Torres, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Silvio Sato, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo
- Vinicius Romanini, Universidade de São Paulo
- Yvana Fachine, Universidade Federal de Pernambuco



# EL SIGNO *in*VISIBLE

[elsignoinvisible.com](http://elsignoinvisible.com)